

Desenvolvimento Urbano de Portimão:

A importância da Muralha Quatrocentista para a malha urbana da Cidade

(Dissertação Final do Mestrado Integrado em Arquitectura)

Discente:
Filipe Jorge Mestre Leonardo

Orientador:
Professor Doutor Luís Conceição

Portimão, Setembro de 2011.

FILPE JORGE MESTRE LEONARDO

**DESENVOLVIMENTO URBANO DE PORTIMÃO: A
IMPORTÂNCIA DA MURALHA QUATROCENTISTA
PARA A MALHA URBANA DA CIDADE.**

Dissertação defendida em provas públicas no
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia
12/12/2011 perante o júri nomeado, com a seguinte
composição:

Presidente:

Prof.^a Doutora Ana Maria Moya Pellitero
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Arguente:

Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral
Santiago Fernandes (Professor Associado,
ISMAT e Professor Auxiliar, UBI)

Orientador:

Prof. Doutor Luís Filipe Pires da Conceição
(Professor Associado, ISMAT)

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2011

FICHA TÉCNICA

Aluno: Filipe Jorge Mestre Leonardo **N.º** 20087192

Vertente Científica na Área de Urbanística.

Título: Desenvolvimento Urbano de Portimão: a importância da Muralha Quatrocentista para a malha urbana da Cidade.

Orientador: Professor Doutor Arq. Luís Conceição

Data de Conclusão: Setembro de 2011

Palavras-Chave: Portimão; Desenvolvimento Urbano; Análise Morfológica; Muralha.

TECHNICAL DATA

Student: Filipe Jorge Mestre Leonardo **N.º** 20087192

Scientific Area: Urbanism.

Title: Urban Development of Portimão: the importance of the city walls for the urban trace.

Director: Professor Doutor Arq. Luís Conceição

Conclusion: September 2011

Key-Words: Portimão, Urban Development, Morphological Analysis, City Walls.

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura, na forma de dissertação final de mestrado, por fim à sua conclusão.

Como tema foi escolhido o desenvolvimento urbano de Portimão, na sua relação com a muralha quatrocentista, no sentido de apurar a influência desta na malha urbana da cidade e, conseqüentemente, a sua importância na organização e funcionamento da mesma.

O facto de ainda não ter sido publicado um estudo deste género foi aspecto fundamental para a escolha do tema, pelo que um dos objectivos desta dissertação tem por base a divulgação da história da cidade, num sentido analítico quanto ao seu desenvolvimento urbano e expansão territorial, procurando contribuir para um maior conhecimento sobre Portimão e incentivar novos estudos sobre a matéria, nas mais diversas áreas científicas.

Não obstante, sendo este um exercício particularmente focado na influência da muralha para o urbanismo de Portimão, é objectivo específico desta dissertação verificar a pegada da referida muralha no traçado, forma e funcionamento da cidade.

Foram desenvolvidos trabalhos de recolha, selecção e análise de dados (publicações e outros artigos passíveis de interesse, que possam contribuir através de documentos escritos, peças desenhadas e/ou apontamentos fotográficos), que permitiram conhecer e analisar a história da cidade e sua expansão territorial, a sua estrutura urbana a cada momento e respectiva evolução; trabalhos de elaboração de cartografias, que promoveram a análise e apresentação dos resultados obtidos; e trabalhos de tratamento de imagem, indispensáveis à exposição das conclusões retiradas do estudo.

Concluiu-se com o presente estudo a efectividade de influência da muralha para a forma urbana e funcionamento da cidade, com maior visibilidade em áreas de vizinhança mais próximas.

ABSTRACT

This study was developed within the Master in Architecture in the form of final dissertation, pointing to its conclusion.

The subject chosen was the urban development of Portimão and its relation with the medieval walls, in order to understand the influence of them in the urban trace and, consequently, its importance for the urban organization and functioning.

The fact that there haven't been published a study of this kind was primary aspect for the choice of the subject, for what one of the purposes of this study has for base the spreading of the history of the city, in an analytical direction for its urban development and territorial expansion, looking forward to contribute for a bigger knowledge of Portimão and stimulate new studies on the substance, in the most diverse scientific areas.

Not obstante, being this an exercise particularly focused in the influence of the walls for the urbanism of Portimão, is specific goal of this dissertation to verify the footprint of the cited walls in the tracing, forms and functioning of the city.

There were developed works of retraction, selection and analysis of data (publications and other articles likely of interest, that can contribute through written documents, drawn parts and/or photographic notes), that allowed to know and analyze the history of the city and its territorial expansion, its urban structure at each moment and respective evolution; works of cartographic annotation, that allow the analysis and presentation of the gotten results; and works of image treatment, indispensable to the exposition of the conclusions of the study.

We concluded that the referred walls are indeed important for the city shape and functioning, in a more notorious way in nearby areas.

Ao meu amorzinho,

À minha mãe, pai e irmão,

A todos os que, directa ou indirectamente,
me motivaram para a conclusão deste
estudo.

Um grande OBRIGADO ao meu
orientador Professor Luís Conceição:

Importante não só para este exercício
mas também desde o primeiro momento
enquanto estudante de arquitectura.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
O ESTADO DA ARTE	9
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	15
ANÁLISE MORFOLÓGICA DE PORTIMÃO	21
O TERRITÓRIO	23
FUNDAÇÃO E POVOAMENTO.....	26
A VILA DE PORTIMÃO.....	30
ELEVÇÃO A CIDADE E DESENVOLVIMENTO	31
A MURALHA QUATROCENTISTA	35
O CERCO DA VILA.....	36
UM PROJECTO RENASCENTISTA	37
DESENVOLVIMENTO URBANO E RELAÇÃO COM A MURALHA.....	38
ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS	39
CONCLUSÕES	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido na forma de dissertação final do Mestrado em Arquitectura, leccionado no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISMAT), tendo por fim a conclusão do mesmo.

Foi escolhido como tema o desenvolvimento urbano de Portimão e a sua relação com a Muralha Quatrocentista.

O facto de não ter sido publicado até ao momento um trabalho de análise ao desenvolvimento urbano que permita compreender toda a evolução urbana da cidade e relacioná-la com as pré-existências, particularmente com a muralha quatrocentista, torna-o num exercício singular, de grande utilidade e importância para o conhecimento da história do Urbanismo de Portimão.

Não obstante a existência de diversas publicações acerca de Portimão e sua história (da cidade e suas gentes), que valorizam culturalmente a cidade e nos dão a conhecer os acontecimentos que promoveram e condicionaram a sua evolução (e sem os quais este estudo se tornaria impossível), pretende-se com esta dissertação analisar os referidos acontecimentos, com recurso a cartografia, que permita compreender e divulgar o desenvolvimento urbano de Portimão, promovendo a valorização do património edificado e seu significado para a cidade.

É portanto objectivo desta dissertação divulgar a história da cidade, seu desenvolvimento urbano e expansão territorial, numa perspectiva analítica, de base cartográfica, de modo a permitir a verificação da “pegada” da muralha afonsina na malha urbana da cidade e sua importância para o crescimento, organização e funcionamento da mesma. Pretende-se ainda que este exercício incentive novos estudos sobre Portimão e seu património, nas mais diversas áreas científicas.

Com vista à obtenção de resultados rigorosos foi aplicada uma metodologia científica, com base em investigação e análise de dados, adequada ao estudo em questão. Assim, foi desenvolvida uma análise morfológica de Portimão, com incidência cronológica, desde a sua fundação à actualidade, de modo a compreender os motivos e factores que promoveram a ocupação do território e posterior desenvolvimento urbano. Foi também elaborada uma caracterização

da muralha quatrocentista (linha, forma e presença), que permite conhecer o seu traçado original, com vista à verificação da sua marca na malha urbana. Neste trabalho, será ainda apresentada uma análise paralela, de relacionamento da forma da cidade com o projecto renascentista para uma nova cinta de muralha. Este projecto não chegou a ser aplicado, motivo pelo qual a existência de qualquer relação entre a forma urbana e a referida muralha deverá representar apenas a influência do território para a expansão e planeamento urbano.

Sendo uma análise morfológica um método científico para investigar a relação entre a forma de expressão do ambiente (o território) e a forma do seu conteúdo (o urbanizado), torna-se indispensável que a mesma seja faseada cronologicamente, utilizando o tempo como unificador dos acontecimentos. O modo como novos projectos e planos se relacionam com as pré-existências são a forma de expressão da importância dada a estas, pelo que a análise às alterações urbanas em áreas adjacentes à muralha serão alvo de estudo mais aprofundado. Só através de uma análise deste género e com a extensão apresentada se pode concluir acerca da importância da muralha para o urbanismo de Portimão.

São parte da análise morfológica: a análise ao território, seus aspectos mais positivos, que promoveram a sua ocupação, as suas potencialidades, que impulsionaram a expansão territorial, e os factores negativos, que condicionaram a implantação e desenvolvimento urbano, tornando-se preponderantes para a forma da cidade; a análise à forma urbana no momento da fundação do povoamento, principais factores que promoveram o acontecimento e principais limitações, verificando a forma urbana em momentos anteriores à construção da muralha; a análise à forma da vila, linha de muralha e edificações; análise à evolução urbana até à elevação a cidade e seu desenvolvimento até à actualidade, verificando a perda de importância funcional da muralha, resultante no seu esquecimento e perda de identidade.

Durante o exercício é importante verificar a existência de caminhos que originam ruas e as ruas que definem o desenho da cidade. É ainda fundamental que se reconheçam as áreas homogéneas de tecido urbano

(bairros), nas suas dimensões, tipologia e forma, que intensionalmente ou por consequência mantêm ou alteram a forma urbana.

A análise morfológica tem, portanto, desenvolvimento a partir do território, sobre o qual se desenha a cidade. A análise à cidade deve considerar os seus componentes urbanos principais: Infra-estruturas (espaços abertos ou não edificados: ruas e vias, praças e largos, parques e jardins, matas e descampados – resultantes ou projectados, pedonais ou motorizados, de permanência ou circulação) e Superestruturas (o edificado: de habitação, comércio e serviços ou monumentos), que fundamentam e promovem a permanência na cidade, influenciando a sua imagem e determinando, ou sendo condicionados, pela forma urbana.

A análise morfológica em conjunto com o estudo sobre a muralha afonsina permitirá concluir acerca da importância desta última para o funcionamento da cidade.

Concluiu-se que a muralha influencia efectivamente a forma da cidade e o seu funcionamento: em zonas de vizinhança próxima a influência é bastante superior, verificando-se na organização, estrutura e forma dos bairros, enquanto em áreas mais afastadas da muralha a influência remete para a importância de artérias promovidas, ou condicionadas, pela muralha para o funcionamento da cidade, influenciando e condicionando a forma urbana.

O ESTADO DA ARTE

É a partir do momento de sedentarização do Homem que as palavras “urbe” e “planeamento urbano” fazem algum sentido. A existência de hierarquia nos mais primitivos aldeamentos relatados na história das civilizações denota a importância que o Homem desde cedo atribuiu à questão do planeamento.

Procurando compreender a origem das cidades e, conseqüentemente, do urbanismo, vários autores debruçaram-se sobre o tema, investigando, divulgando e analisando vestígios que demonstrassem a necessidade do Homem em ordenar o espaço em que vive.

Tais investigações permitiram a evolução do urbanismo enquanto disciplina, originando teorias acerca das origens da cidade e sobre a “cidade ideal” ou de “regras universais” para o desenho urbano. Simultaneamente a análise urbana passou a ser também tema de destaque, no sentido de se compreender a evolução das cidades e o desenvolvimento urbano.

É de tal modo inqualificável a importância da disciplina para a sociedade, que se tornou impossível apresentar uma lista de todos os autores que trataram o tema. Por este mesmo motivo, correndo o risco de não conseguir referir todos os autores que através dos seus estudos contribuíram para a elaboração da presente dissertação, farei apenas referência daqueles que mais influenciaram o desenvolvimento desta.

Neste sentido, autores como Leonardo Benévolo ^[1], Françoise Choay ^[2], Fernando Chueca Goitia ^[3], Lewis Mumford ^[4] ou Anthony Morris ^[5], tiveram participação fundamental para o conhecimento actual acerca da origem das cidades, permitindo uma observação mais coerente e uma análise mais fundamentada sobre as cidades, suas origens e influências culturais. Estes autores produziram obras que para além de transmitirem o conhecimento referido, descrevem movimentos e teorias do urbanismo e desenho da cidade, fazendo referência a estudos importantes para a evolução da disciplina, de

[1] Leonardo Benévolo, “História da Cidade” (2000);

[2] Françoise Choay, “O Urbanismo” (2002);

[3] Fernando C. Goitia, “Breve História do Urbanismo” (1996);

[4] Lewis Mumford, “A Cidade na História” (2001);

[5] Anthony Morris, “Historia de la Forma Urbana” (1998).

autores como Ebenezer Howard ou Le Corbusier, entre muitos outros, contribuindo ainda para o conhecimento dos ideais urbanísticos a cada momento. Sem estes estudos qualquer exercício de análise urbana seria absolutamente impossível.

Do mesmo modo, autores como Stefano Bianca ^[6], Manuel Teixeira e Margarida Valla ^[7], ou Teresa Barata Salgueiro ^[8], contribuíram para um conhecimento mais aprofundado sobre a história das cidades, tratando temas mais específicos e menos abrangentes. Os estudos destes autores facilitam o reconhecimento de influências culturais para o desenho da cidade e desenvolvimento urbano.

Por seu turno, a análise urbana (enquanto ramo da disciplina) foi fortemente impulsionada por autores como José Garcia Lamas ^[9], Farret Kohlsdorf ^[10], John Dutton ^[11] ou Spiro Kostof ^[12], que com base no conhecimento da história das cidades tratam o tema da análise urbana com maior destaque.

Estes autores, através de uma abordagem mais técnica, permitem compreender melhor os componentes e elementos da cidade, sua hierarquia e funcionamento, promovendo deste modo a criação de uma base metodológica suficientemente sustentada e fundamentada para a análise da cidade. O seu contributo consiste ainda na consolidação do conceito de morfologia urbana enquanto disciplina, que trata com maior detalhe a evolução urbana, numa perspectiva analítica, considerando todas as influências e condicionantes à expansão territorial, assim como o modo como esta é desenvolvida e quais os seus componentes.

Contribuíram ainda para compreender melhor os conceitos acerca da tipologia dos espaços, seu carácter, natureza e principais características, facilitando o conhecimento acerca do seu funcionamento e importância para o traçado urbano.

[6] Stefano Bianca, "Urban form in the Arab world, Past and Present" (2000);

[7] Manuel Teixeira e Margarida Valla, "O Urbanismo Português: séc. XIII-XVIII" (1999);

[8] Teresa Barata Salgueiro, "A cidade em Portugal: uma geografia Urbana" (1992);

[9] José Garcia Lamas, "Morfologia Urbana e Desenho da Cidade" (2004);

[10] Farret Kohlsdorf, "O espaço da cidade: contribuição à análise urbana" (1985);

[11] John Dutton, "New American Urbanism" (2000);

[12] Spiro Kostof, "The city assembled, the elements of urban form through history" (1999).

Outros, como Gordon Cullen ^[13], Kevin Lynch ^[14] ou Léon Krier ^[15], desenvolvem outras perspectivas de análise da cidade, mais visual e sensorial, tratando temas antropológicos como a identificabilidade, a imaginabilidade ou o sentido de pertença. Tratam a cidade de uma forma menos técnica e mais sensível.

Não obstante a importância dos autores referidos anteriormente, a importância destes remete para a percepção da cidade enquanto espaço de vivências, de vida em comunidade, salientando aspectos mais ligados a estas questões, que propriamente à análise urbana através dos seus componentes. Ainda assim destacam elementos urbanos, que promovem diferentes tipos de actividade e sentimentos, contribuindo também para a consolidação dos critérios utilizados para a base metodológica de análise ao desenvolvimento urbano.

Na tentativa de aproximar a análise urbana aos valores culturais que lhe são intrínsecos, entendo ser pertinente referir ainda Manuel Graça Dias ^[16] e Nuno Portas ^[17], pelo contributo para a importância que é dada ao tema em Portugal, tratando temas como “urbanismo” e “vivência da cidade” de uma forma mais leve, ainda que de base técnica e científica, promovendo a divulgação da disciplina, abrangendo interesses nas mais diversas áreas.

Estes autores contribuíram para a sensibilização da população para o tema, salientando que a todos importa. Não obstante, influenciam ainda o modo como se lê a cidade, adoptando conceitos desenvolvidos por outros autores estrangeiros, como Cullen ou Lynch, ao panorama nacional.

Também o conceito de património tem sido alvo de interesse nas mais diversas áreas científicas, sendo que Françoise Choay ^[18] tem também contributo importante para o conhecimento e desenvolvimento deste tema.

[13] Gordon Cullen, “Paisagem Urbana” (2006);

[14] Kevin Lynch, “A imagem da Cidade” (2008) e “A boa forma da Cidade” (2007);

[15] Léon Krier, “Arquitectura, Escolha ou Fatalidade” (2000);

[16] Manuel Graça Dias, “Manual das Cidades” (2007);

[17] Nuno Portas, “Os tempos das formas, cidade feita e refeita” (2005) e “A cidade como Arquitectura” (2011);

[18] Françoise Choay, “Alegoria do Património” (2010).

Em Portugal, Ana Margarida Portela e Francisco Queiroz ^[19] procuram promover o tema e estendê-lo a toda a população, salientando a sua importância para a vida na cidade e sentido de pertença das comunidades.

Os estudos sobre o património têm sido desenvolvidos com maior frequência, destacando a importância do mesmo para toda a sociedade. Os esforços desenvolvidos para a definição do conceito de património através de cartas e planos para a sua salvaguarda foram impulsionadores da criação de entidades e grupos dedicados exclusivamente ao tema, como os CIAM, o DOCOMOMO ou, fazendo referência a entidades nacionais, o IGESPAR ou a DGEMN.

Estas entidades têm principal preocupação ao nível do reconhecimento, catalogação, documentação e classificação do património, promovendo a criação de planos de salvaguarda, recuperação e manutenção. Têm ainda influência ao nível da sensibilização da população para a importância do património através de publicações, conferências, seminários, exposições ou debates sobre o tema.

Mais recentemente foram criados grupos responsáveis pela reabilitação e requalificação urbana de áreas com maior necessidade (habitualmente centros históricos): as Sociedades de Reabilitação Urbana (SRU).

Fazendo referência à SRU de Portimão, importa destacar o trabalho desenvolvido ao nível do levantamento e identificação de áreas prioritárias de intervenção, passando o plano estratégico pela requalificação do centro histórico da cidade, no sentido de melhorar as condições de vida e vivência dos espaços da área mais antiga de Portimão. Foi desenvolvido e apresentado, até ao momento, um plano de requalificação da frente ribeirinha da cidade, que compreende a alteração de percursos motorizados e a implantação de novos troços de estrada, com vista à dinamização dos espaços, no sentido de dinamizar a sua utilização.

[19] Ana Margarida Portela e Francisco Queiroz, “Conservação urbana e territorial Integrada” (2009).

Ao nível de estudos sobre o Algarve, história e desenvolvimento urbano, são de destacar os trabalhos de Viana Barreto, Álvaro Dentinho e Albano Branco ^[20], de Carminda Cavaco ^[21], Valdemar Coutinho ^[22], Maria da Graça Marques ^[23] e Maria da Graça Ventura ^[24], pelo contributo para o conhecimento sobre a história da região e suas terras, influências e crescimento urbano.

Estes autores promoveram ainda o conhecimento sobre a importância de cada cidade para a região nos mais diversos momentos da história e os factores que influenciaram o desenvolvimento e expansão territorial das mesmas.

Existem ainda trabalhos específicos sobre Portimão, que promoveram o conhecimento mais aprofundado sobre a cidade e suas origens, seu desenvolvimento e principais momentos de evolução urbana. Autores como Maria da Graça Marques e Maria da Graça Ventura ^[25], Joaquim Nunes ^[26], Padre José Gonçalves Vieira ^[27], José Tengarrinha ^[28] ou Filipe Dias de Carvalho ^[29], entre outros, tratam a origem e desenvolvimento da cidade, de um modo historicista, de relato e documentação dos principais momentos para Portimão, permitindo um conhecimento consistente sobre a história da cidade e facilitando exercícios de análise urbana.

Também os trabalhos produzidos pela Câmara Municipal de Portimão ^[30] e pela Junta de Freguesia de Portimão ^[31] têm influência para o conhecimento e divulgação da história da cidade. Não podem ainda deixar de ser referidos os

[20] Viana Barreto, Álvaro Dentinho e Albano Branco, “Ordenamento Paisagístico do Algarve” (1964-67);

[21] Carminda Cavaco, “O Algarve Oriental / As Vilas, o Campo e o Mar” (1976);

[22] Valdemar Coutinho, “Castelos, Fortalezas e Torres do Algarve” (1997);

[23] Maria da Graça Marques (coord.), “O Algarve da antiguidade aos nossos dias” (1999);

[24] Maria da Graça Ventura (coord.), “O Municipalismo em Portugal: 500 Anos de forais Manuelinos do Algarve” (2007);

[25] Maria da Graça Marques e Maria da Graça Ventura, “Cidades e Vilas de Portugal – Portimão” (1993);

[26] Joaquim António Nunes, “Portimão” (1956);

[27] Pe. José Gonçalves Vieira, “Memória Monográfica de Portimão” (1996);

[28] José Tengarrinha, “Portimão e a Revolução Republicana”, 2010;

[29] Filipe Dias de Carvalho, “Conferência sobre o Porto e Cidade de Portimão” (1932);

[30] Câmara Municipal de Portimão, “Portimão – Tentativa de Sinopse” (1941) e “As Muralhas de Portimão” (1974);

[31] Junta de Freguesia de Portimão, “Portimão, Levantamento e Caracterização” (1990).

trabalhos interpretativos de Francisco Carrapiço, Jaime Palhinha e José Brázio, de representação da evolução cronológica de Portimão e de identificação e enquadramento da muralha quatrocentista na malha urbana. Estes exercícios, apesar de interpretativos e de serem meramente indicativos, tiveram importância extrema para a elaboração desta dissertação, sem os quais a análise morfológica de Portimão e a consideração sobre a importância da muralha para a malha urbana teriam sido praticamente impossíveis.

Outros autores, por tratarem o tema “desenvolvimento urbano” e o relacionarem com agentes importantes da cidade, como Maria da Conceição Quintas ^[32] ou Rui Mendes Paula ^[33], tiveram importância ao nível da estruturação de todo o trabalho e seu desenvolvimento, por serem estudos semelhantes à presente dissertação. Autores como Cesare de Seta e Jaques le Golf ^[34], por abordarem o tema específico desta dissertação (a muralha), contribuíram para a consolidação de conceitos e métodos de trabalho e análise.

Também os trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Arqueologia de Tavira sobre o urbanismo da cidade Romana de Balsa representam uma forte contribuição para esta dissertação, no sentido que permitiu o aprofundamento do conhecimento sobre cidades Romanas em Portugal (com maior incidência sobre o Algarve), e influenciou o método de investigação de marcas de influência Romana no traçado urbano.

Considero ainda pertinente salientar a importância das Universidades, enquanto polos científicos e de investigação, para todos os temas referidos, uma vez que promovem a elaboração de trabalhos importantes para a aquisição e divulgação de conhecimentos sobre os mesmos. Foram igualmente importantes para esta dissertação alguns trabalhos académicos desenvolvidos no ISMAT, em disciplinas das áreas “Morfologia Urbana” e “Urbanística”.

[32] Maria da Conceição Quintas, “Porto de Setúbal, um actor de desenvolvimento” (2003);

[33] Rui Mendes Paula, “Lagos, evolução urbana e património” (1992);

[34] Cesare de Seta e Jaques le Golf, “La ciudad y las Murallas” (1989).

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Portimão tem sido pontualmente objecto de estudo de vários historiadores, que procuram compreender e divulgar as origens da cidade, sua fundação, influências e evolução, relatando acontecimentos históricos e enumerando factores impulsionadores e condicionantes ao seu desenvolvimento.

Estes estudos, por terem um cariz mais historicista que analítico, não só justificam a elaboração de um exercício de análise ao desenvolvimento urbano de Portimão, como permitem uma abordagem mais consistente e fundamentada sobre o tema.

Em todos os trabalhos e escritos sobre a fundação das povoações algarvias são destacados factores geográficos e territoriais como principais motivos para a sua fundação. Consideram-se portanto a benignidade do clima, a riqueza do solo e subsolo e a proximidade do mar, aspectos comuns às terras do Algarve, que motivaram a presença de Fenícios, Gregos, Romanos, Cartagineses, Visigodos e Árabes. A todos eles é também comum a exploração agrícola, a indústria piscícola e conserveira e a actividade comercial, como principais actividades económicas.

Geograficamente considera-se ainda a proximidade de África, do Mar Mediterrânico e do Oceano Atlântico, um factor estratégico de grande valia, que facilita a comunicação e ligação a diversos povos, dinamizando a actividade comercial, ou promovendo novas conquistas territoriais.

Portimão, para além de se enquadrar com tais características, tem ainda o Rio Arade e a Serra (de Monchique) como mais-valias territoriais, que permitiram a instalação de outras actividades económicas, como a reparação de embarcações ou a exportação de figo e cortiça.

Apesar da descoberta de vestígios do neolítico nesta zona geográfica (tais como menires, dólmens, antas e outros instrumentos isolados, nomeadamente em Arge, Mexilhoeira Grande, Alcalar e Portimão (Vale de França, Três Bicos, Bemposta e Pedra Mourinha), e da existência de sepulturas, cemitérios e outros monumentos ou objectos isolados, referentes à idade do bronze e do ferro, relatam os estudos que a primeira povoação a instalar-se no território em

questão remete para o ano 304 A.C., quando os Fenícios criaram uma estação naval no Rio Arade.

Esta estação naval viria a chamar-se de Barcícia (nome atribuído por ter sido Amílcar Barca o seu primeiro dinamizador). Mais tarde, com a morte de Amílcar Barca, o porto passa a pertencer a seu filho, Aníbal, nomeando-o de *Portus Hannibalis*.

Sendo os Fenícios um povo pacífico e avesso a guerras, principal motivo que lhes custou a extinção, o porto foi capturado pelos Romanos em 200 A.C., denominando-o *Portus Magnus* (denominação de origem latina para “porto grande”).

Os principais vestígios da presença Romana nesta área geográfica consistem em: necrópoles em Arge e Monte da Torre, balneários junto ao convento de São Francisco (descoberta de Estácio da Veiga), a vila romana na Abicada, e a relatos da existência de piscinas com mosaicos de sete cores na Rua Direita. Está também documentada a existência de estruturas de casas, de um lagar e uma cisterna na zona da Coca Maravilhas, oficinas e tanques de salga na zona do Estrumal/Portimões, Ponta da Areia e Pontal, assim como outros objectos arqueológicos isolados encontrados no Rio Arade, no antigo cemitério de Portimão, na Rua São José e na Praia da Rocha. Suspeita-se ainda da existência de estruturas Romanas no Vale de França, na Torre e na Senhora do Verde.

Após um período de nove séculos de domínio Romano, o *Portus Magnus* é conquistado por Árabes (715 D.C.), que o denominaram de *Porcimunt* (derivação de *Portus Magnus* para *Portman* e posteriormente para *Porcimunt*). Esta deverá ser a denominação mais próxima da actual.

Em 1189, D. Sancho I recupera o porto, que devido à sua posição geográfica servia Silves: terra mais segura e com mais população. Silves foi durante vários séculos a terra mais importante do Algarve, devido à proximidade de grandes portos (Portimão e Lagos) e por estar protegida pela serra (a Norte) e afastada do Mar (Sul). De referir que por existir ligação através do Rio Arade entre Portimão e Silves, o porto de Portimão era o mais acessível e, consequentemente, com mais movimento.

Em 1462 um grupo de Silvesenses abandona a terra por esta não reunir as melhores condições de higiene: a insalubridade de “águas mortas” provocou várias doenças. Este mesmo grupo viria a fundar S. Lourenço da Barrosa.

Esta povoação é tida, por vários autores, como o núcleo primitivo de Portimão, sendo por outros considerada uma povoação paralela. Neste sentido, o facto de existirem declarações que asseguram que S. Lourenço da Barrosa seria “terra livre”, não podendo ser doada a ninguém, sugere que seja efectivamente uma segunda povoação, uma vez que Portimão foi doada a Gonçalo Vaz de Castelo Branco (1476), como gratificação pela sua bravura durante a guerra de Castro Queimado, Em Espanha.

Ainda em 1466, D. Afonso V concede a Álvaro Teivas licença para explorar por sua conta o transporte de pessoas e mercadorias entre as duas margens do Rio Arade, no lugar de Portimão. Ao local onde era efectuado o embarque ainda hoje se chama “Zona da Barca”.

Em 1475 Álvaro Teivas é assassinado. No mesmo ano, D. Afonso V ordena a construção da muralha e, apesar de esta não estar completa, Portimão é elevada a Vila. Estima-se que a construção da muralha tenha durado cerca de 170 anos, até 1647.

Apesar de ter passado por um longo período de construção, a muralha apresenta um desenho contínuo, aproximadamente triangular, ainda que seja composta por diferentes materiais.

Com um perímetro de, aproximadamente, 1100 metros e 1,60m de largura, a muralha (dotada de ronda com cerca de 1m de largura em toda a sua extensão), compreende ainda 6 torres, divididas por 3 portas (porta da Serra, da Ribeira e de São João) e um baluarte (de Sta. Bárbara) junto à porta de Nossa Senhora Da Graça.

Com uma actividade económica sempre ligada ao mar e rio, possuindo o porto de maior actividade no Algarve, Vila Nova de Portimão cresceu bastante, sendo que em 1616 a população cria a ideia de ser necessária uma nova linha de muralha.

Em 1621, é apresentado um projecto para uma segunda linha de muralha, da autoria de Alexandre Massai, com uma configuração actualizada e um

perímetro bastante mais largo. No entanto, não existem marcas na malha urbana que indiquem que esta proposta tenha sido construída.

Portimão cresceu, até que em 1755 o grande terramoto arrasou a vila. Este acontecimento, juntamente com os esforços realizados para reerguer a vila, poderão estar relacionados com a escassa existência de vestígios de presenças anteriores.

Relativamente ao património edificado sabe-se que as igrejas do Colégio e Matriz ficaram em muito mau estado; as igrejas da Misericórdia e Corpo Santo suportaram melhor o acontecimento; o Convento de Nossa Senhora da Esperança, ou de São Francisco, e o Forte de Santa Catarina ficaram bastante danificados; e que a muralha e a barbacã, apesar de terem ficado em mau estado, mantiveram em grande parte a sua configuração. Sabe-se ainda que existiam 15 ermidas (interiores e exteriores à muralha), que ficaram completamente destruídas.

Apesar de ter sido necessário algum tempo para reconstruir a vila, Portimão superou as dificuldades e em 1773 é, pela primeira vez, elevada a cidade: Marquês de Pombal tinha a intenção de dividir o bispado algarvio em dois (Portimão e Faro), elevando Vila Nova de Portimão a cidade; com a morte de D. José, D. Maria I afasta politicamente o Marquês de Pombal e Portimão perde esse estatuto, sendo-lhe no entanto reconhecida importância devido à sua história singular e afluência do seu porto de comércio.

Em 1873, Portimão volta a ganhar relevo a nível nacional, quando passa a existir ligação marítima entre o Algarve, Lisboa e o Porto, a partir do seu porto. Esta ligação surge da extrema necessidade de transportar a carga armazenada, e visto que a ligação terrestre existente era insuficiente.

A partir deste momento o crescimento de Portimão é ainda mais acelerado: em 1876 foi inaugurada a ponte de ligação a Ferragudo; em 1902 passa a existir água potável canalizada; e em 1915 é construída a estação de comboios e a ponte ferroviária.

A população expandiu-se em direcção ao sapal, para lá da porta da Serra (ligação a Lagos e Monchique) e para Norte, direccionada pela Rua Infante D. Henrique (de ligação a Ferragudo – a Sul – e a Lagoa e Silves – a Norte).

Nestas áreas foram também implantadas unidades fabris, que fundamentaram o crescimento e incentivaram a criação de novos Bairros.

A qualidade de vida e segurança sentidas em Vila Nova de Portimão promoveram o seu crescimento, que passou também a compreender o turismo como grande actividade económica, graças ao seu estatuto de estância balnear.

A dinâmica comercial, o crescimento demográfico e económico e o seu reconhecimento valeram a Portimão a sua elevação (definitiva) a cidade em 1924, pelo então Presidente da República Manuel Teixeira Gomes.

A expansão territorial foi geral, tendo surgido novos bairros a Norte (em torno da Fábrica de S. José – Bairro Cruz de Pedra), a Sul (construção do dique e aterro, que permitiram a instalação de novas indústrias e maior desenvolvimento das actividades portuárias, promovendo a construção de novos armazéns e moradias), a Nascente (na rua Infante D. Henrique construíram-se moradias mais ricas – era uma zona de passagem obrigatória para quem circulava entre Faro e Lagos) e a Poente (a alteração das actividades comerciais para a Rua Direita e Praça da República, levaram à expansão em direcção a Alvor). Em direcção à Praia da Rocha foram ainda construídas moradias mais modestas para os operários.

Em 1936 foi implantado o Bairro Operário, que em 1943 foi expandido através da construção do Bairro Pontal (que actualmente dá nome a toda a área); em 1950 constrói-se o Bairro dos Pescadores; e entre 1955 e 1958 foram criados os Bairros Económicos, para funcionários públicos.

Este tipo de intervenção levou à acentuação das diferenças construtivas verificadas entre os edifícios oitocentistas, os prédios modernos e as construções mais modestas. Nos espaços residuais foram sendo implantadas algumas praças e largos ajardinados.

Na década de 1960 dá-se o *boom* turístico, tendo a expansão territorial resultado em novas edificações (em torre) junto à Praia da Rocha (principal zona balnear). Até 1980 o caminho-de-ferro marcava o limite da expansão territorial para Norte.

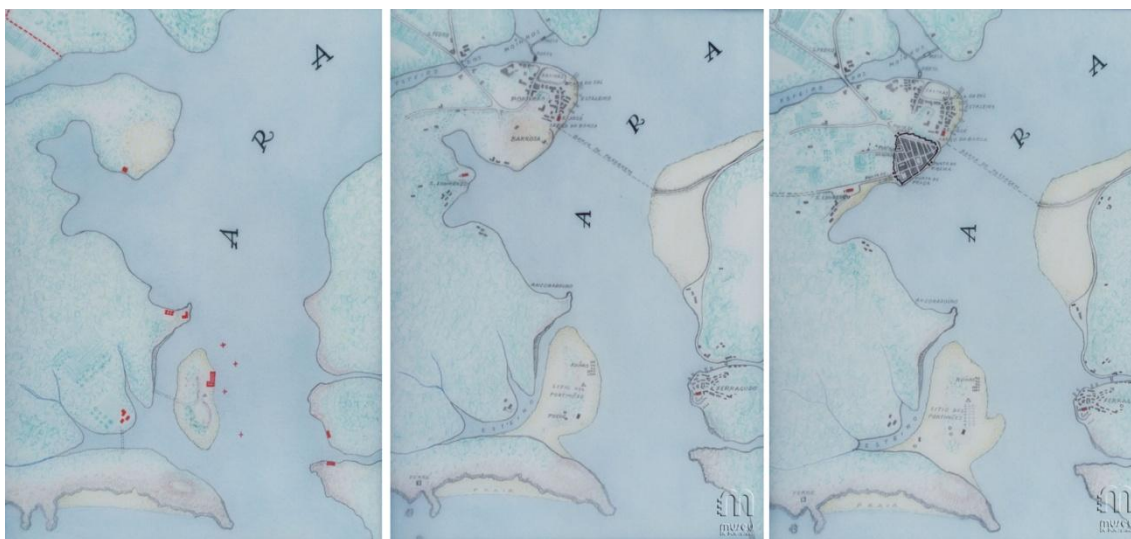
No princípio da década de noventa construíram-se as vias circulares, no sentido de melhorar o acesso e distribuição viária da cidade, tendo alterado o sistema funcional de Portimão, relegando algumas vias, até então primordiais para o funcionamento da cidade, para segundo plano. Estas vias dão origem à implantação de novos bairros e aglomerados urbanos, que tendem a desligar-se formalmente do anterior desenho da cidade, para se relacionarem directamente com a forma definida por estas vias.

A partir desse momento Portimão tem crescido para a periferia, aproximando-se da Praia do Vau (a Poente) e da EN 125 (a Norte), através da ocupação de antigos terrenos agrícolas que foram perdendo a sua função. A Nascente e Sul têm sido desenvolvidos projectos pontuais, sem grande influência para a estrutura viária e organização dos espaços em análise.

ANÁLISE MORFOLÓGICA DE PORTIMÃO

É indispensável para o presente estudo que a evolução urbana de Portimão seja relacionada com os factores, favoráveis e condicionantes, inerentes à fundação e desenvolvimento da povoação. Neste sentido é preponderante o estudo do território, suas condições naturais e adaptações humanas, no sentido de compreender as razões que potenciaram a instalação populacional e crescimento demográfico.

Partindo da análise ao território torna-se importante perceber a origem da cidade, a sua fundação. Neste ponto deve ter-se em consideração a estrutura original da povoação, sua localização e principais comunicações, possibilidades de expansão e maiores condicionantes ao desenvolvimento.



À esquerda: desenho do território na sua forma original; Ao centro: desenho da implantação da primeira povoação (Séc. XV); À Direita: desenho da implantação da Vila já muralhada (Séc. XVI). Apresenta ainda possíveis alterações do território. Imagens adquiridas no Museu Municipal de Portimão. Ver anexos 1.01 a 1.03 págs. 51 a 53.

Compreendido o processo que levou à fundação do lugar de Portimão e ao seu crescimento, é também imperativo verificar o modo como a povoação se adaptou a uma nova característica estatutária (de vila), considerando os factores que a promoveram (com particular destaque para o cerco – muralha: principal objecto de estudo desta dissertação), assim como as alterações evidenciadas no funcionamento da urbe.

Sendo este um estudo de análise ao desenvolvimento urbano, na tentativa de compreender a importância da muralha para o funcionamento da cidade, é ainda indispensável que sejam analisadas todas as alterações urbanas

registadas ao longo dos anos, por fim a conhecer os principais momentos de desenvolvimento, seus impulsionadores e principais intervenções.

O momento de elevação a cidade é tido como de extrema importância para Portimão, sendo deste decorrente a maior expansão territorial e crescimento demográfico. Neste sentido devem ser analisadas as condições em que este desenvolvimento foi promovido, procurando sempre relações com o pré-existente e verificando as alterações urbanas nos espaços adjacentes às intervenções.

Esta análise não estaria completa sem um enquadramento com o estado actual da cidade, em que se deve tentar perceber a importância da muralha para o funcionamento da cidade, assim como o valor patrimonial e cultural que lhe é atribuído.



À esquerda: 1º momento de expansão para o exterior da muralha (Séc. XVII); Ao centro: Portimão quando elevada a cidade (1924); À Direita: Portimão depois da maior expansão urbana (1990). Apresenta ainda possíveis alterações do território e aterros. As cartas deste autor serviram de base para a análise ao desenvolvimento urbano de Portimão. Imagens adquiridas no Museu Municipal de Portimão. Ver anexos 1.04 a 1.06, págs. 54 a 56.

O TERRITÓRIO

Geograficamente o Algarve é uma região privilegiada para a comunicação intercontinental: a sua proximidade de África e do Mar Mediterrânico tornam a região numa área estratégica importante para trocas comerciais e de entrada na Europa. Tal aspecto, juntamente com o facto de estar protegida a Norte por serras, potenciou a valorização das terras e promoveu a implantação de diversos povos. Reportando a Portimão, para além de reunir todas as condições anteriormente referidas, junta a proximidade do Rio Arade (importante via de ligação a Silves – primeira capital do Algarve) como característica fundamental para desejabilidade do território.

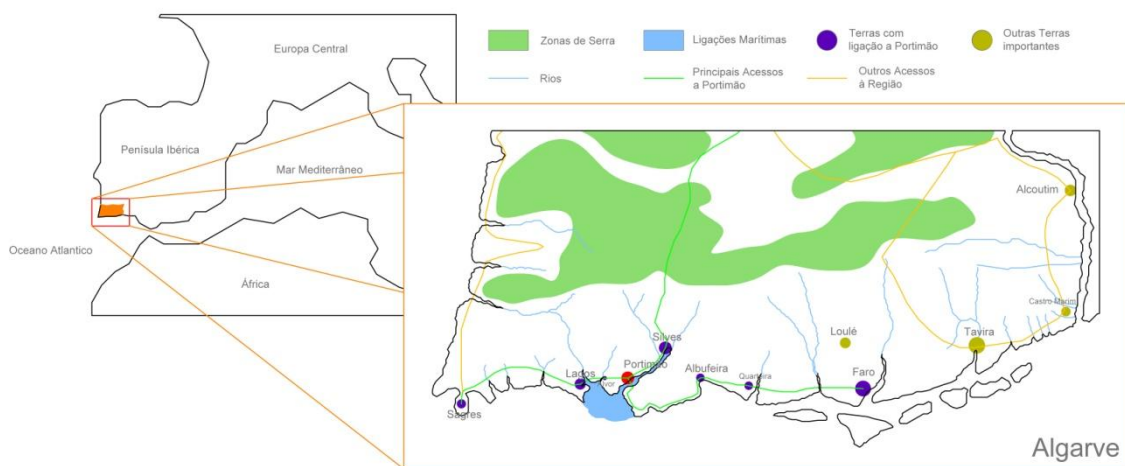


Imagem representativa da localização geográfica da Região (factores de vizinhança) e de Portimão (principais ligações). Ver anexo 1.07, pág. 57.

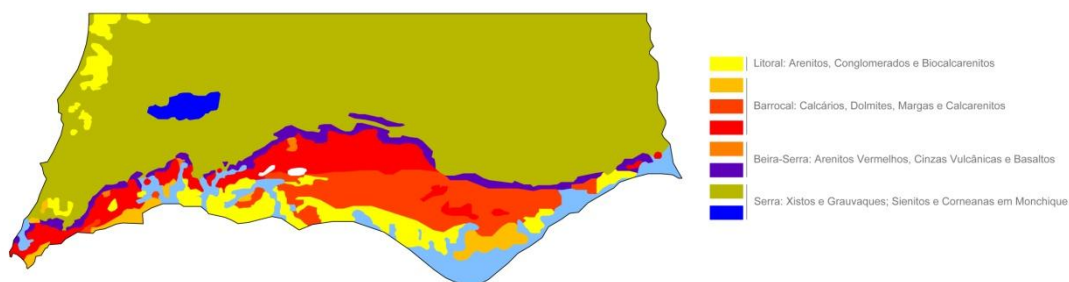
Portimão identifica-se como grande zona portuária, que para além da acessível ligação ao mar, promove contactos facilitados com a capital da região. Não obstante, por via terrestre é também notória a sua importância: durante vários séculos Portimão é local de passagem obrigatória para quem pretendia deslocar-se pelo Algarve (os principais caminhos para Lagos e Sagres, Faro e para Silves, passavam todos por Portimão).

Apesar de ser uma povoação com um porto acessível, compreendia algumas condições indispensáveis de segurança: o Forte de Santa Catarina (na Praia da Rocha) e o Castelo de São João (em Ferragudo) asseguravam a vigia e protecção do porto. Tal condição permitia que a actividade comercial se desenvolvesse pacificamente.

Conclui-se portanto que a proximidade do mar, em épocas de maior hostilidade e insegurança territorial foi o principal entrave ao seu desenvolvimento, sendo que posteriormente a sua localização foi impulsionadora do crescimento e evolução.

Ao nível das especificidades territoriais, importa realçar a fertilidade do solo, que juntamente ao clima temperado mediterrânico, permite a exploração agrícola, com particular destaque para as plantações de figo, amêndoa e alfarroba, que potenciaram as trocas comerciais.

O facto de o terreno ser sólido, com presença de rocha calcária, e a proximidade de zonas próprias à extracção de pedra (predominantemente arenitos) facilitou a fundação da povoação e o seu crescimento. Também a proximidade da Serra de Monchique, rica em carvalho e castanheiro, é uma característica importante do território, que para além de servir a construção, suportou ainda o crescimento do porto, por permitir a reparação de embarcações.

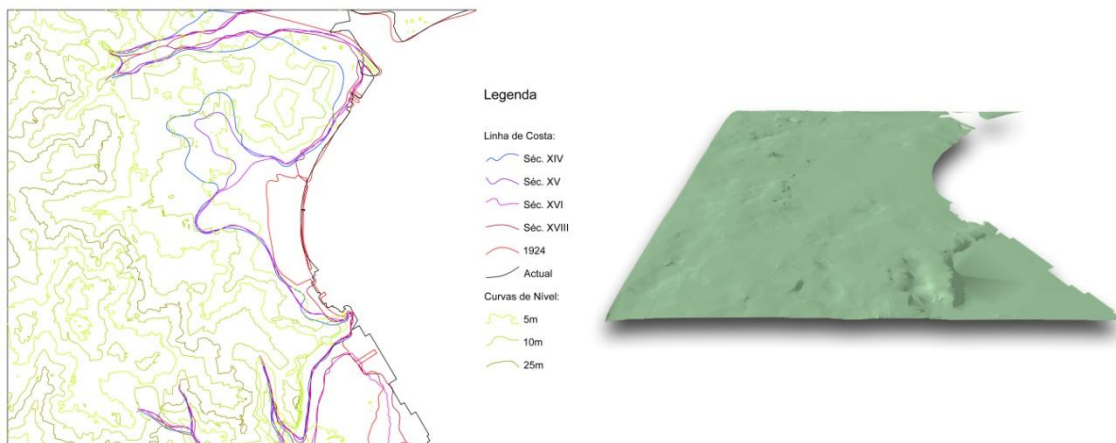


Mapa geológico do Algarve. Desenhado tendo por base a “Carta Geológica de Portugal” in http://e-geo.ineti.pt/cartografia/digitais/cartas_digitais.htm (ver anexo 1.08, pág. 58).

Outra característica que fomentou o interesse pelo lugar de Portimão, e áreas adjacentes, remete para a existência de zonas alagadiças, próprias para a exploração de salinas e criação de viveiros.

A proximidade do mar, para além de permitir uma forte actividade piscatória, promove ainda a condição de estância balnear (ao que também não é alheio o clima – com Inverno curto e Verão longo e seco), que originou a exploração turística, actualmente uma das principais actividades económicas de toda a região. Esta actividade ganhou relevância primordial a partir dos anos 60/70 do século XX, momento em que o declínio da pesca originou a mudança da mão-de-obra para serviços e turismo.

Não pode deixar de ser considerado o facto de o terreno ter desnível pouco acentuado, o que facilitou a expansão territorial e o planeamento urbano. De notar ainda que a linha de costa (ribeirinha) apresenta algumas alterações ao longo do tempo, resultantes de fenómenos naturais ou pela mão do Homem (instalação de salinas em zonas alagadiças, ou prolongamento do terreno sobre o rio).



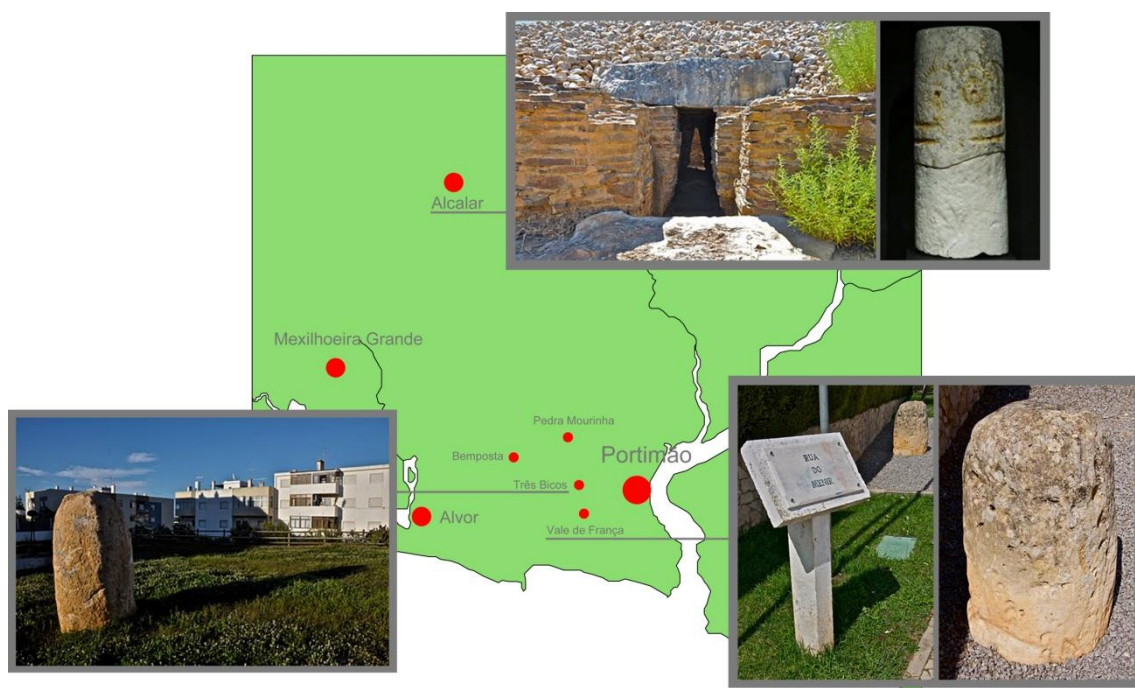
Mais tarde, com o aterro da zona ribeirinha de Portimão, o porto passou a contar com maior número de armazéns e melhores condições para o comércio. Actualmente localiza-se entre Portimão e a Praia da Rocha, em terrenos que antigamente davam lugar a salinas, existindo na zona ribeirinha de Portimão duas pequenas docas, essencialmente para pequenas embarcações.



FUNDAÇÃO E POVOAMENTO

Após ter sido feita uma breve análise ao território em que se implanta Portimão, é indispensável uma análise à sua origem, partindo do primeiro momento de urbanização, com vista à identificação de caminhos que originaram ruas, influenciando a actual forma da cidade.

É neste sentido, e considerando as características naturais do terreno (propícias à implantação de uma nova povoação e com condições favoráveis ao seu desenvolvimento urbano), que importa também verificar possíveis pré-existências, de povoações anteriores.



Localização das áreas onde foram encontrados vestígios pré-históricos. Fotografias de Ricardo Soares, *In* <http://fotoarchaeology.blogspot.com>. Ver anexo 1.11, pág. 61.

Não obstante da referência a presença Humana em áreas adjacentes ao território em análise, remetentes ao neolítico, idade do bronze e idade do ferro, é a partir do ano 304 A.C. (momento em que os fenícios criaram uma estação naval no rio Arade) que as pré-existências podem ter maior influência para a análise à fundação do lugar de Portimão.

O facto de a estação naval Fenícia ter sido capturada pelos Romanos (em 200 A.C.), e de estes terem permanecido no território durante aproximadamente nove séculos, leva a acreditar na existência de uma base urbana anterior à fundação de Portimão, influenciadora da organização do espaço.

Apesar de não estar confirmada a existência de um acampamento Romano em Portimão, e de não existirem cartas ou outros documentos que apontem para a existência de uma coorte, ou outro tipo de acampamento, neste espaço, o extenso número de vestígios Romanos conduziu à investigação de possíveis marcas na malha urbana, que indiquem a existência de um traçado de influência Romana.



Planta de localização das áreas onde foram encontrados vestígios Romanos.

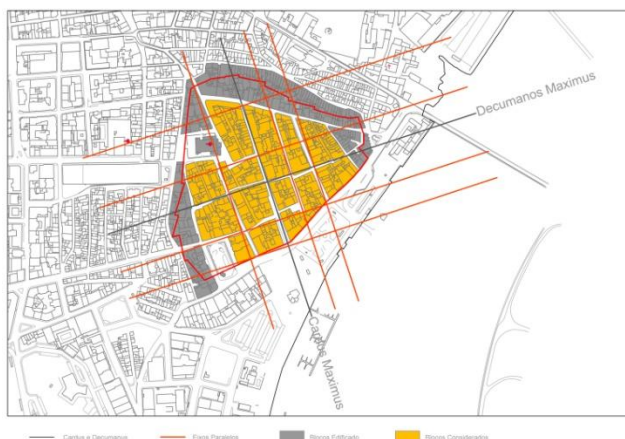
Carta desenhada sobre trabalho de Luís Fraga da Silva acerca de vestígios Romanos no Algarve, in <http://imprompto.blogspot.com>.

Locais assinalados:

Áreas referidas como lugares em que foram encontrados vestígios de presença Romana, não identificados em mancha ou a servir de enquadramento.

Ver anexo 6.12, pág. 62.

Verificou-se durante a análise um detalhe urbano que pode sugerir a veracidade desta hipótese: a existência de eixos contínuos, geradores de toda a organização urbana interna à muralha, e o traçado reticulado, baseado em quarteirões bem definidos, de dimensões entre 30 e 65 metros de largura (decumanus) e 45 e 130 metros de comprimento (cardus), sustentam a ideia de ter efectivamente existido um acampamento Romano neste preciso local.



Planta de estudo de possível marca Romana no traçado urbano interior à muralha.

Ver anexo 1.13, pág. 63.

Também a proximidade formal e organizacional deste detalhe urbano de cidades Romanas como Pompeia, Conímbriga, Pax Iulia (Beja), Eborá (Évora) ou Ossonoba (Faro), não obstante da escala e proporção, fortalecem a ideia.



Carta do traçado urbano intramuralhas; relação com outras cidades Romanas.
Ver anexo 1.14, pág. 64.

Apesar de esta questão merecer uma atenção especial e mais aprofundada, o facto de o actor mais importante para esta tese ser a Muralha Afonsina e a sua influência para o traçado urbano, e considerando ainda o tempo exigido para uma análise mais aprofundada sobre a hipótese de ter existido um acampamento Romano nesta localização específica, implica que este tema seja apresentado na forma de sugestão para estudos futuros.

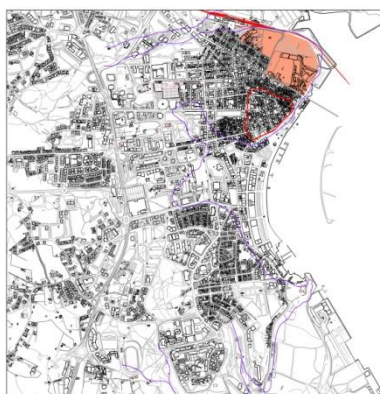
Considera-se então que data de 1462 a fundação da povoação que viria a originar Portimão: São Lourenço da Barrosa. No entanto, algumas contradições fazem acreditar que esta seria uma povoação paralela a Portimão: o facto de Portimão ter sido doada a Gonçalo Vaz Castelo Branco, sendo São Lourenço da Barrosa terra independente (que não poderia ser doada a ninguém), ou a identificação de três áreas distintas como Barrosa, São Lourenço e Sítio dos Portimões, leva a crer que fossem efectivamente dois aldeamentos separados.



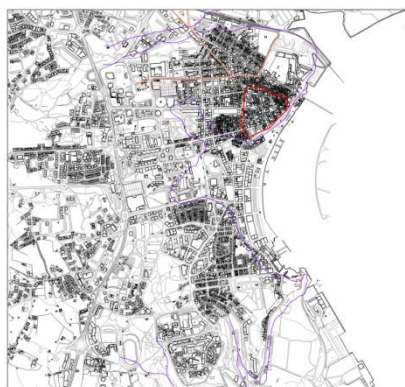
Planta de localização das três áreas distintas.
Ver anexo 1.15, pág. 65.

A existência de ruínas no Sítio dos Portimões, assim como a descoberta de vestígios Romanos próximo dessa área, conduz-nos à ideia de que essa fosse a localização da estação naval instalada pelos Fenícios e, por consequência, local de origem de Portimão. Ainda assim, a inexistência de cartas que apresentem um traçado urbano suficientemente consistente para a existência de alguma povoação nesse local específico, contraria esta hipótese avançada, levando-nos a apontar novamente para a área mais a norte (zona da Barrosa) como localização exacta do núcleo fundador de Portimão.

Esta pequena povoação apresentava uma estrutura viária com um traçado coincidente com ruas actuais (Rua de São José, Rua Comandante Carvalho Araújo e Rua Dr. Manuel de Almeida – com traçados bastante semelhantes; Rua do Comercio – apenas extremidade Norte; e Rua de Olivença – ligeiramente desviado), ainda que pouco consistente e diminuta. A forma urbana relaciona-se directamente com as condições naturais do território, seguindo a linha de costa e com implantação próxima de uma área mais elevada (zona da barrosa, onde posteriormente será construída a muralha).



Ocupação Territorial
Sec. XV



Principais Eixos Estruturantes
Sec. XV

Planta da área ocupada no momento da fundação.
Ver anexo 2.01, pág. 66.

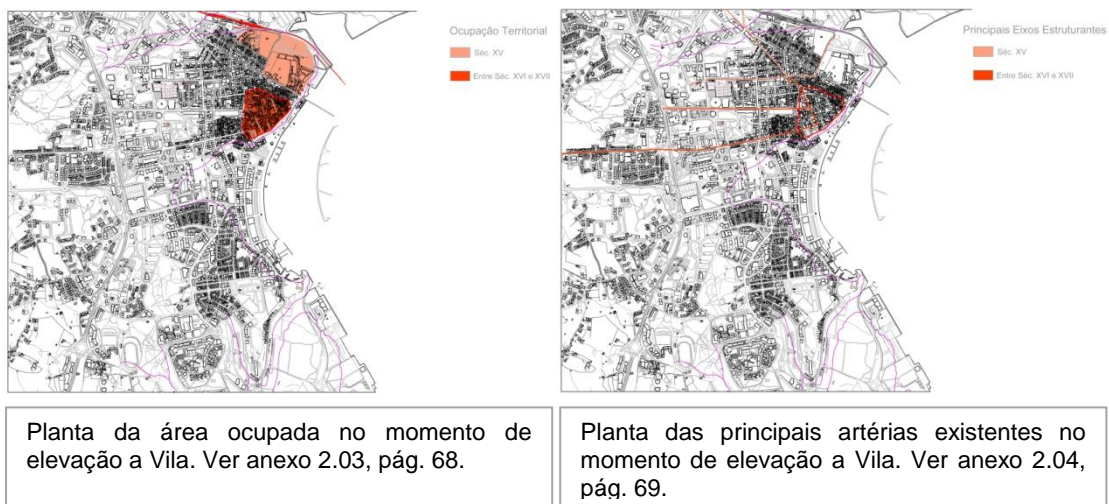
Planta das principais artérias existentes no momento da fundação.
Ver anexo 2.02, pág. 67.

A VILA DE PORTIMÃO

Tendo sido identificado o núcleo fundador de Portimão, faremos agora uma análise ao momento em que Portimão é elevada a Vila: o momento do cerco da povoação.

A expansão territorial resume-se à ocupação da zona da Barrosa, uma área mais alta do terreno, onde a segurança é privilegiada.

A muralha impõe os limites da povoação, separando-a do mundo rural e dos terrenos agrícolas. Ainda assim as edificações pré-existentes junto à zona da barca e na área identificada como São Lourenço são mantidas, dando-se uma consolidação dos caminhos de acesso às mesmas.

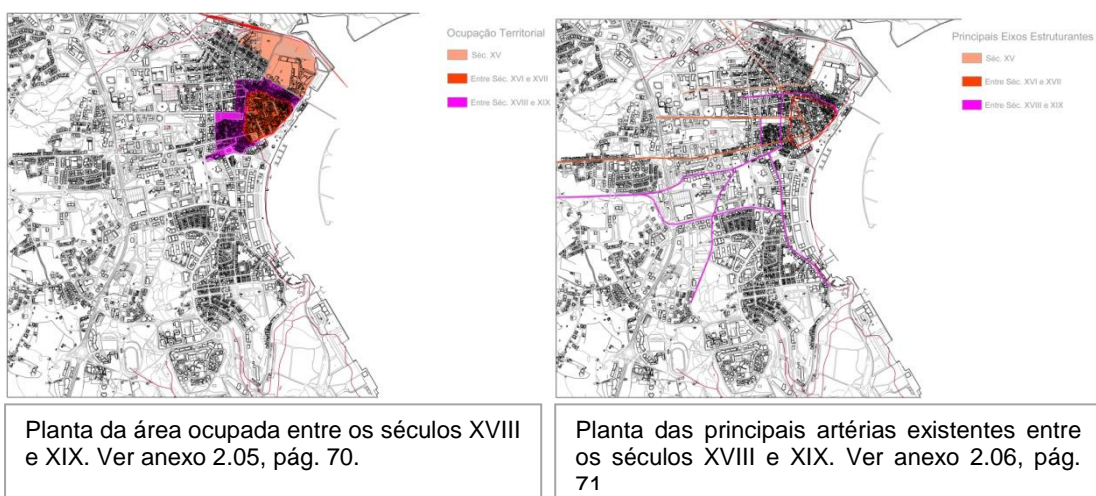


Neste momento a presença da muralha e suas portas (com torres de vigia) promove a consolidação de caminhos que anteriormente se cingiam ao acesso a terrenos agrícolas, para passarem a articular o território: a artéria já existente a Norte (Rua do Comércio), após ligação à Porta da Serra transforma-se num eixo importante para a urbe, não só por dar acesso à vila (caminhos para Lagoa e Silves), mas também por apresentar uma configuração mais recta, promovendo a organização do território fora das muralhas; a actual Rua Direita, com ligação à Porta de São João, passa a representar um eixo Nascente-Poente, promovendo a articulação urbana, tanto interior como exterior às muralhas; a Porta da Ribeira, apesar de não ter grande representação ao nível de caminho por terra, promove o acesso através do Rio Arade e compreende um eixo Norte-Sul importantíssimo para a organização do espaço interior das muralhas.

ELEVAÇÃO A CIDADE E DESENVOLVIMENTO

A partir do momento de elevação a Vila, Portimão atinge um patamar de importância para o País que potencia bastante o seu crescimento. A implantação de novas fábricas industriais e a expansão do seu porto de comércio promovem a criação de novos bairros (exteriores à muralha) e, consequentemente, a expansão territorial.

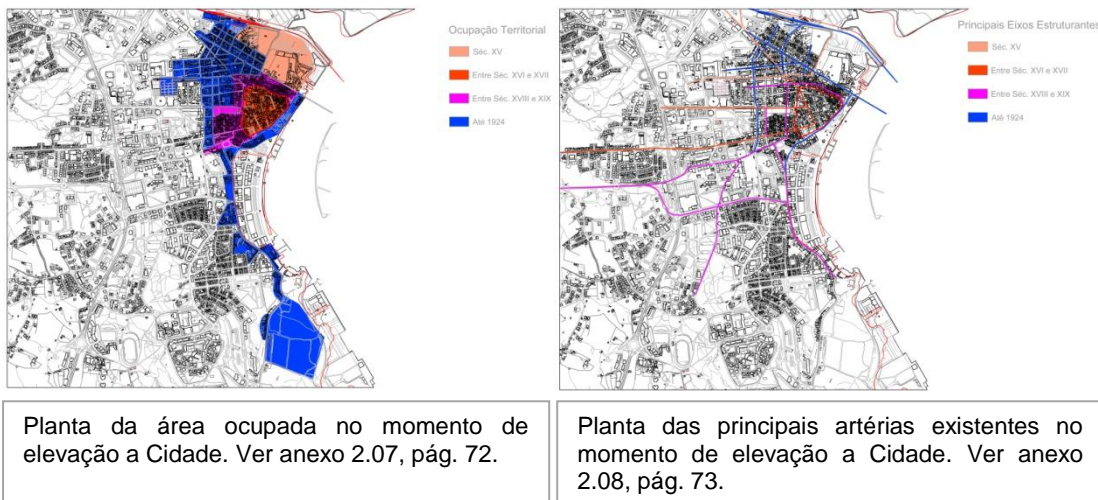
Num primeiro momento a Vila cresce para Norte e Poente, com a implantação de novos bairros. Estes foram direccionados pela Rua da Porta da Serra (actualmente Rua Dr. Manuel Almeida) a Norte e pela Rua Direita a Poente.



Estas vias, que anteriormente já comportavam grande importância ao nível da organização do território, passam a ser peças chave para a articulação da Vila, influenciando directamente a forma urbana. Não obstante, novas vias como a actual Rua de Olivença, a actual Avenida João de Deus, ou a Estrada da Rocha (actualmente Rua D. Carlos I), começam também a adquirir algum estatuto na articulação do espaço e estrutura viária.

Por esta altura, apesar de a densidade ocupacional permanecer superior no interior da muralha, as áreas adjacentes a Norte e Poente configuram uma importante parte da Vila. Verificava-se portanto uma forma urbana bastante ligada à linha da muralha.

Quando em 1924 Portimão é elevada a cidade dá-se a primeira grande expansão territorial: para tal facto foram preponderantes a instalação do caminho-de-ferro, a construção da ponte de ligação a Ferragudo, o aterro da zona Ribeirinha de Portimão e a construção do dique.



Assim verificou-se uma expansão a Norte (com a implantação do Bairro Cruz de Pedra), a Poente (densificação do parque edificado na zona fundiária, com a consolidação da actual Rua Infante D. Henrique) e a Sul (ocupação do espaço do aterro com novos armazéns e dinamização do porto comercial; no sentido da Praia da Rocha, até ao Convento de São Francisco, principalmente pela instalação de novas fábricas).

Mais tarde a instalação de fábricas junto ao Convento de São Francisco deram origem à implantação de novos Bairros: Bairro dos Pescadores e Bairro Económico. Esta intervenção originou também a consolidação de novos caminhos, que actualmente têm grande influência no funcionamento da cidade: Avenida 25 de Abril e Avenida Miguel Bombarda.

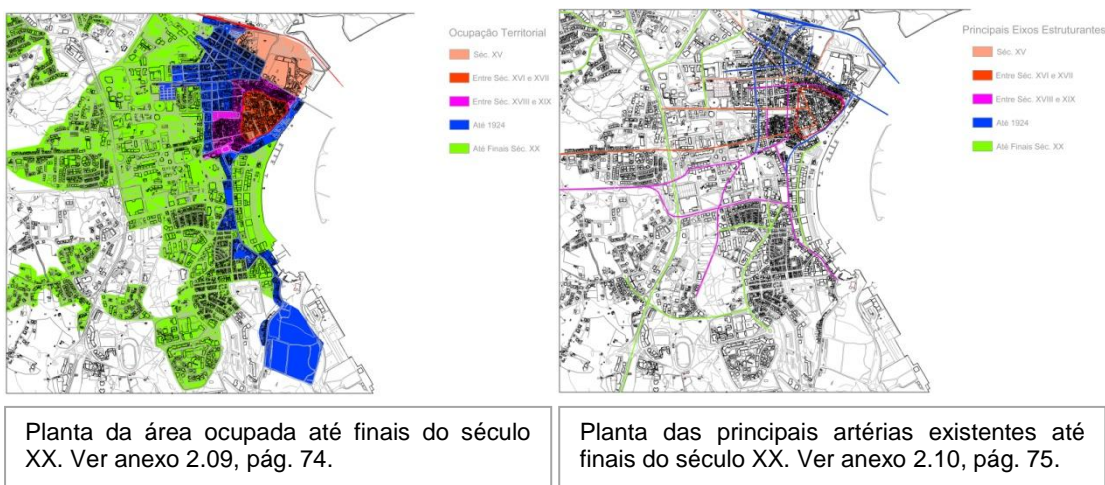
Nesta fase a densidade ocupacional no exterior da muralha é bastante mais significativa, alterando substancialmente a forma da cidade, cada vez com menor ligação à forma da muralha. Ainda assim as principais artérias da cidade apresentam ligação à linha da muralha: a Rua Infante D. Henrique tem direcção paralela ao lado Nascente da muralha, a Rua Direita mantém a sua influência na organização e articulação dos espaços, a Avenida João de Deus é direccionada pela Porta da Igreja e Alameda (espaço exterior à muralha que

servia de campo para trocas comerciais) e a Estrada da Rocha, paralela à linha de costa e liga directamente à Porta de São João.

Com a consolidação da estrutura viária e a melhoria das condições de vida em Portimão, volta a dar-se uma grande expansão territorial, ao que não é alheio o *boom* turístico, promovido pela condição de estância balnear.

Nesta fase de desenvolvimento urbano a expansão é generalizada (para Norte, Sul e Poente), direccionada pelas principais artérias para zonas periféricas, afastando os novos bairros da zona mais consolidada, criando a necessidade de uma reestruturação viária.

Estes novos bairros, localizados na zona da Pedra Mourinha, Vale de França, Coca das Maravilhas e Praia da Rocha, implicaram a construção de artérias que promovesse melhor acessibilidade. É neste momento que se implantam as Avenidas V6 e V3, contornando áreas de maior densidade edificada, funcionando como circulares e promovendo novo crescimento.

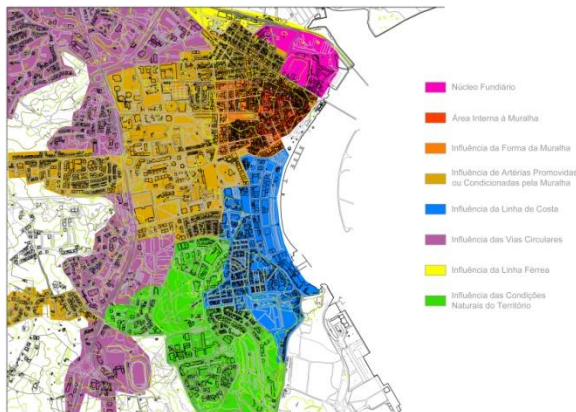


“A cidade contemporânea atinge assim uma forma dominadora, uma escala visual cujo domínio o Homem não pode controlar .../... e cresce, cresce sempre, porque para a cidade parar é morrer. E porque cresce a um ritmo quase louco .../... constitui assim mais uma soma de espaços do que um todo estruturado, em que se misturam e confundem funções, em que a desordem é soberana.” Fernando Távora *in* “Da organização do Espaço”, 2006.

Os novos bairros a Norte (zona das Cardosas e Coca das Maravilhas), a Poente (Vale de França e Pedra Mourinha) e a Sul (Bairro Pontal e Praia da Rocha) são agora parte integrante da cidade: anteriores terrenos agrícolas ou

ao abandono estão agora urbanizados e dão continuidade ao volume edificado, juntando áreas anteriormente separadas.

Verificou-se, então, uma alteração da forma da cidade, passando esta a estar mais relacionada às vias circulares que à muralha. A influência da muralha para a malha urbana resume-se agora a zonas de vizinhança mais próxima, apesar de manter importância funcional no sentido de ter influenciado a orientação e configuração de algumas vias indispensáveis para o bom funcionamento da cidade, que por sua vez influenciam a forma desta.



Planta das principais influências para a forma urbana. Ver anexo 2.11, pág. 76.

Conclui-se assim que existe uma grande área cuja forma urbana se relaciona com a Muralha quatrocentista, apesar de as novas implantações estarem mais ligadas à linha das vias circulares. De salientar ainda a importância da linha de costa, que juntamente com as condições naturais do território condicionam grande parte da forma da cidade.

A MURALHA QUATROCENTISTA

“Quase todas as cidades possuíam as suas defesas, compostas de muros, torres e muralhas. As muralhas são o seu perímetro defensivo e, simultaneamente, separação com o campo e o mundo rural.” José Garcia Lamas in “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 2004.

De facto no momento do cerco da Vila, a muralha delimitava o perímetro e procurava segurar a povoação. Em momentos de maior hostilidade e insegurança territorial a muralha foi elemento fundamental para a sobrevivência da Vila. No entanto, podemos também considerar que restringiu o espaço, dificultando a expansão territorial. Noutras cidades, a construção de uma segunda linha de muralha garantia o desenvolvimento urbano em segurança. Para Portimão foi projectada uma segunda linha de muralha, no entanto este projecto não foi posto em prática, retardando a evolução da Vila.



Planta da Muralha Afonsina, desenho de Jaime Palhinha. Imagem adquirida no Museu de Portimão. Ver anexo 2.12, pág. 77.



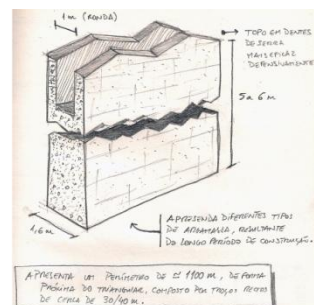
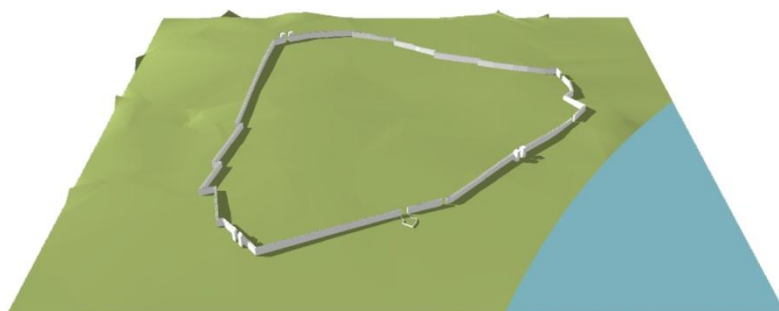
Planta do projecto de Alexandre Massai para uma segunda linha de muralha, in “Algarve, Castelos, Cercas e Fortalezas” de Natércia Magalhães (2008). Ver anexo 2.13, pág. 78.

Com o passar do tempo, quando a insegurança deixou de afectar a expansão urbana, a muralha perdeu a sua principal função (defensiva), levando ao seu esquecimento e “abandono”: muitas habitações foram construídas paredes-meias com a muralha, enquanto outros utilizavam os materiais da muralha para a construção de novas habitações. A muralha foi sendo descaracterizada e a sua presença cada vez menos sentida.

O CERCO DA VILA

Originalmente a muralha de Portimão apresentava uma forma aproximadamente triangular, com o lado mais a Sul paralelo à costa, e ocupava uma área elevada do terreno, circundando um perímetro de aproximadamente 1100 m². Ao longo da sua extensão apresentava uma largura aproximada de 1,60m e altura variável entre os 5m e 6m. Estava ainda dotada de ronda, com cerca de 1m de largura, em toda a extensão, acessível através de 6 torres (2 torres em cada porta principal – da Serra, de São João e da Ribeira). Compreendia ainda um baluarte (de Santa Bárbara), junto ao Rio Arade, acessível através da porta do Corpo da Guarda.

No seu interior as vias promovidas pelas portas principais estruturavam a Vila, enquanto as que davam acesso a portas de menor dimensão (da Igreja, do Corpo da Guarda, de Santa Isabel e Postigo dos Fumeiros) garantiam a ligação entre elas e definiam os quarteirões.



Em Cima, à Esquerda:
Modelo Tridimensional
da Muralha, com
implantação no terreno;
Em Cima, à Direita:
Esqueto com as
características da
Muralha;
À Esquerda:
Implantação da Muralha
e identificação das 6
Torres.

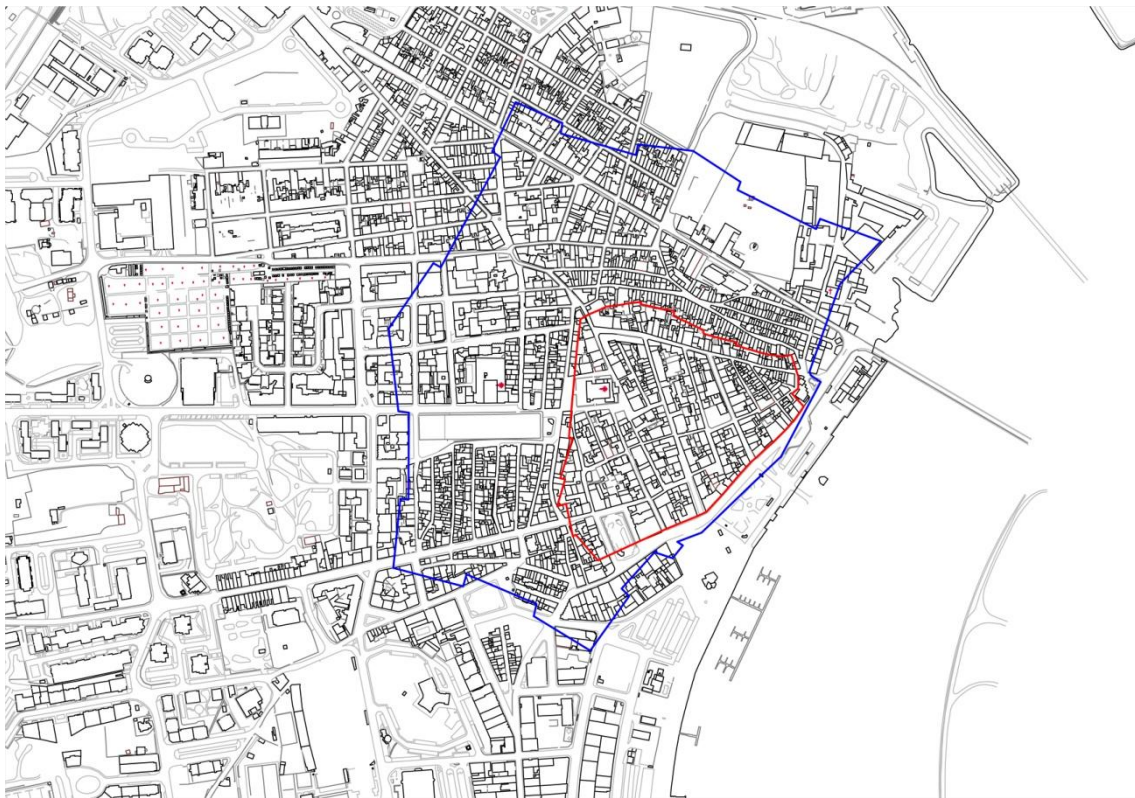
Ver anexo 2.14, pág. 79.

UM PROJECTO RENASCENTISTA

“Por razões de espaço, a cidade concentra-se até ser necessário alargar o seu limite e construir novas muralhas que englobam as expansões. Assim se formam os anéis sucessivos de construções e sistemas defensivos.” José Garcia Lamas in *“Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”*, 2004.

Apesar de não ter sido construída uma segunda linha de muralha em Portimão, foi elaborado um projecto para alargar o seu perímetro defensivo, no sentido de permitir o seu crescimento e desenvolvimento urbano.

Não existe portanto qualquer tipo de relação entre este projecto e a organização e forma da cidade actual.

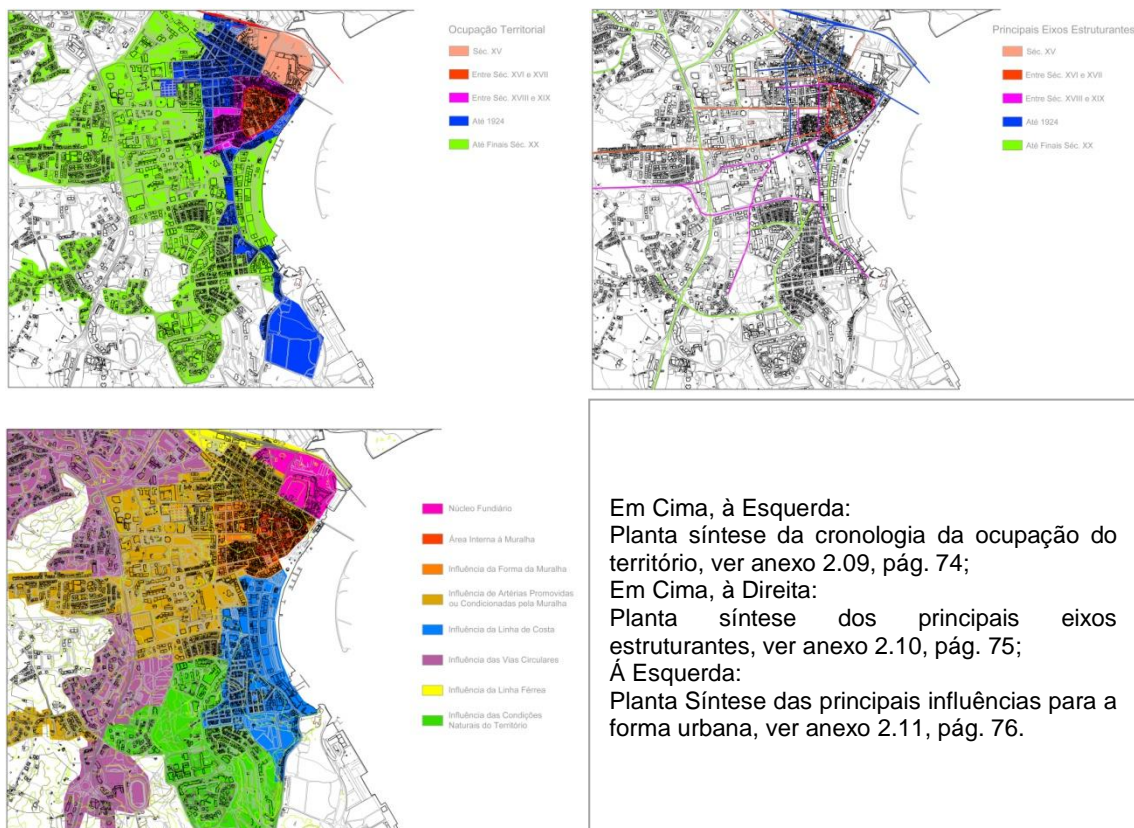


Planta com implantação da Linha de Muralha desenhada por Alexandre Massai.
Ver anexo 2.15, pág. 80.

DESENVOLVIMENTO URBANO E RELAÇÃO COM A MURALHA

Durante a análise foram identificadas as principais influências para o desenvolvimento urbano, seus momentos mais importantes e condições de expansão territorial. Desde as potencialidades do território e suas características naturais, que promoveram a ocupação do território e dinamizaram as actividades económicas, às alterações ao terreno e de uso do solo, aos acessos, pré-existentes e construídos, às artérias que articulam a cidade e organizam o espaço, ou aos novos bairros e equipamentos que potenciaram o crescimento demográfico e desenvolvimento urbano, foram analisados vários factores que contribuíram para o crescimento e influenciaram a forma urbana.

Esta análise, juntamente com o levantamento e estudo da muralha quatrocentista, permitiram concluir acerca da importância desta última para o desenho da cidade e sua forma urbana. É neste sentido que serão apresentadas as relações entre os dados recolhidos.



ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Verificámos durante a análise morfológica a Portimão que a cidade tem vários momentos de crescimento e evolução urbana. Em todos estes momentos de expansão territorial a forma urbana foi sofrendo mutações que a afastaram cada vez mais da forma da muralha. No entanto verificou-se também que as principais artérias com origem na muralha, ou influenciadas pela sua linha, estruturaram espaços e ajudaram à organização de novos bairros, condicionando a forma da cidade. Neste sentido compreende-se que a muralha, directa ou indirectamente, influenciou a actual forma da cidade, ainda que tal seja mais notório em áreas de vizinhança aproximada ao núcleo histórico.

Não obstante, verificou-se também que a inexistência de uma segunda linha de muralha, potencialmente influenciadora da forma urbana, permite que as vias circulares tenham esse carácter preponderante para o desenho da cidade. À altura da implantação destas vias a muralha apresentava uma influência superior para a forma da cidade, enquanto actualmente essa influência se cinge praticamente a áreas de vizinhança mais próximas.

Ao nível do funcionamento da cidade verificámos que as vias promovidas pela construção da muralha mantêm grande importância (com particular destaque para a Rua Direita e Rua João de Deus), quer para a circulação e acessos, quer para a organização do espaço. Verificou-se ainda que a Rua Infante D. Henrique (desenhada a partir da ponte de ligação a Ferragudo, com orientação aproximadamente paralela à linha Norte da muralha, e neste sentido influenciada por esta) mantém o estatuto de via principal, ajudando a estruturar e organizar todo o espaço adjacente, influenciando inclusivamente áreas mais a Norte, como a zona das Cardosas.

A sul a ligação à Praia da Rocha, através de caminhos que foram sendo consolidados com o passar dos anos, é também dinamizadora da organização urbana e estrutura viária. No mesmo sentido, a Avenida 25 de Abril, que tem origem em caminhos agrícolas que davam acesso à Rua Direita, é também eixo importante para a organização dos Bairros adjacentes.

Considera-se portanto que apenas junto às vias circulares e em áreas mais afastadas, a muralha não apresenta qualquer influência, originando uma forma urbana mais próxima da linha promovida por estas vias que pela muralha.

Considerando ainda a vivência dos espaços e da cidade, importa destacar a importância da Alameda (espaço dinamizado pela muralha, originalmente campo para as trocas comerciais no exterior da Vila) e da zona Ribeirinha de Portimão (junto à linha mais a Sul da muralha, resultante do aterro para ampliação do porto de comércio), enquanto espaços abertos de permanência com maior relevância.

No interior das muralhas, os maiores espaços abertos resumem-se ao largo da Igreja, que actualmente não é mais que uma área para estacionamento automóvel, e ao Largo 1º de Dezembro, antigo pátio do edifício do Corpo da Guarda, que promove a vivência exterior num espaço frontal a um importante equipamento para a Cidade: o Teatro Municipal de Portimão.

CONCLUSÕES

Conclui-se que as muralhas têm efectivamente influência na forma da cidade, ainda que esta seja mais visível em áreas de vizinhança mais próximas. Ao nível do funcionamento urbano, verificou-se a influência de vias promovidas ou condicionadas pela muralha para a circulação e estruturação dos espaços, conotando-lhe também alguma importância.

“A muralha delimita a cidade e caracteriza a sua imagem e forma.” José Garcia Lamas in “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 2004.

Não sendo, neste caso, absolutamente correcta a afirmação citada, tendo esta sido proferida considerando a existência de mais do que uma linha de muralhas com perímetro alargado, enquadra-se com o presente estudo no sentido que é verdadeira para as áreas de vizinhança próxima.

Considera-se portanto que o estudo atingiu os seus objectivos, demonstrando a importância da muralha para a malha urbana de Portimão. Espera-se ainda que cumpra com os seus objectivos gerais, de promoção e divulgação do conhecimento acerca da história e urbanismo de Portimão, e que incentive novos estudos em diferentes áreas científicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não obstante de este ser um estudo potencialmente demorado, requerendo grande capacidade de investigação e relação de dados, foram sentidas algumas dificuldades na recolha do material, que por não ser abundante nem estar facilmente acessível, conduziu a processos burocráticos que implicaram alguma perda de tempo. Considera-se ainda, para as dificuldades encontradas na elaboração desta dissertação, o facto de a muralha estar praticamente na totalidade absorvida pelas habitações, dificultando a identificação da sua forma original e referente análise.

Ainda assim, a importância do tema motivou a elaboração do trabalho e incentivou a esforços redobrados para a sua conclusão.

De facto o património arquitectónico é de extrema importância para a cidade, privilegiando a sua imagem e imaginabilidade, influenciando o sentido de pertença dos cidadãos, relembrando histórias e as suas origens, e promovendo a sua identificabilidade.

“Pelo facto de entender, afirmar, não compreender que se não seja absolutamente moderno, nada me impede de, igualmente, amar, sentir, viver com intensidade, grandes bocados da cidade do passado, trechos que valem a pena e que a modernidade poderia ainda melhorar, tornar mais fortes, agradáveis.” Manuel Graça Dias in “Manual das Cidades”, 2006.

Para além deste sentimento de admiração e respeito pelo passado, tem o património também influência ao nível da atracção de novos visitantes (turismo), que procuram a cidade e os seus espaços mais antigos e de maior valor patrimonial no sentido de os contemplarem e compreenderem a história da cidade.

“A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado.” Kevin Lynch in “A imagem da cidade”, 2008.

Este e outros estudos, de reconhecimento e valorização do património, não seriam possíveis sem a contribuição do urbanismo enquanto disciplina (na sua vertente de morfologia urbana e de análise da cidade). Neste sentido a contribuição dos mais diversos autores permitiu a elaboração de um trabalho que é importante para a cidade, mas também para os seus cidadãos.

“A arquitectura da cidade e do espaço público é um bem comum, assim como a língua e as leis. Elas são elementos constitutivos, o cimento da sociedade civil.”
Léon Krier in “Arquitectura, escolha ou fatalidade”, 2000.

É também pela existência da disciplina que é possível o planeamento, desenho e redesenho de espaços, que melhoram a vivência da cidade e contribuem para a qualidade de vida. Como podemos projectar o futuro se não conhecermos o passado, as origens e a evolução?

Ainda assim a sociedade actual nem sempre promove as melhores atitudes para com o património, potenciando o abandono de zonas históricas e o esquecimento dos valores culturais de cada povoação. Cada vez mais as pessoas vivem em actos isolados (fruto da evolução tecnológica, mas também pela criação de novos espaços que absorvem toda a atenção), cortando com costumes do passado: a vivência dos espaços não tem a mesma intensidade nem sentimento, representando frequentemente experiências solitárias ou absolutamente direccionadas, ignorando o que existe em redor.

“Uma estrutura antiga, com as suas sucessivas alterações ancoradas na história que define, rodeia e marca as nossas próprias histórias pessoais; as nossas histórias imprevisivelmente misturadas com as diferentes histórias dos outros; a história das cidades construída com este somatório imenso sobreposto de tantas diferentes cronologias e origens.” “A cidade (verdadeira) é complexa, multifuncional, colorida, vária, arriscada, surpreendente. A imitação comercial, que tanto fascina a classe média, é só um sufoco «seguro».” Manuel Graça Dias in “Manual das Cidades”, 2006.

A valorização do património e a sensibilização da população para a sua importância e das vivências em comunidade, promovendo actividades mais saudáveis e de maior suporte emocional, poderia efectivamente auxiliar à melhoria das condições de vida dos cidadãos.

Um estudo de relação entre as vivências exteriores, com particular incidência sobre o património arquitectónico, e a qualidade de vida tem grande viabilidade e pertinência, pelo que deixo aqui a sugestão.

Espera-se que contribua ainda este estudo para incentivar outros estudos, como a investigação acerca da presença Romana em Portimão, a identificação

de edifícios que sobreviveram às sucessivas intervenções e permanecem integrados na malha urbana, ou o aprofundamento da análise a detalhes urbanos com base na análise morfológica apresentada.

Neste sentido terão papel fundamental os estabelecimentos de ensino (com particular alusão aos de formação superior), que, sendo polos científicos de investigação e conhecimento, têm todo o interesse em trabalhar novos temas e estudos, promovendo um maior conhecimento acerca das cidades e da vida e vivência das mesmas, criando condições para a melhoria do funcionamento das cidades e qualidade de vida.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, Maria Filomena, “Noventa Séculos entre a Serra e o Mar”, IPPAR, Lisboa 1997.
- BARDET, Gaston, “O Urbanismo”, Editora Papirus, 1990.
- BARRETO, Viana; DENTINHO, Álvaro; BRANCO, Albano; “Ordenamento Paisagístico do Algarve”, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Lisboa 1964-67.
- BENEVOLO, Leonardo, “História da Cidade”, Perspectiva Editora, 3ª Edição, São Paulo 2001.
- BIANCA, Stefano, “Urban Form in the Arab World – Past and Present”, Zurich 2000.
- CARVALHO, Filipe Dias de, “Conferência sobre o Porto e Cidade de Portimão”, Tipografia Lumen, Portimão 1932.
- CAVACO, Carminda, “O Algarve Oriental/As Vilas, o Campo e o Mar”, Gabinete de Planeamento da Região do Algarve”, Faro 1976.
- CHOAY, Françoise, “O Urbanismo”, Editorial Perspectiva, São Paulo 2000.
- CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, Edições 70, Lisboa 2010.
- COUTINHO, Valdemar, “Castelos, Fortalezas e Torres do Algarve”, Algarve em Foco Editora, Faro 1997.
- CULLEN, Gordon, “Paisagem Urbana”, Edições 70, Lisboa 2006.
- DIAS, Manuel Graça, “Manual das Cidades”, Relógio D’Água Editores, Lisboa 2006.
- DUARTE, Maria João Raminhos, “Portimão – Industriais Conserveiros na 1ª Metade do Séc. XX”, Edições Colibri, Lisboa 2003.
- DUTTON, John A., “New American Urbanism”, Skira Editore, Milão 2000.
- GOITIA, Francisco Chueca, “Breve História do Urbanismo”, 4ª Edição, Editorial Presença, Lisboa 1996.
- KOHLSDORF, Farret, “O espaço da cidade. Contribuição à análise Urbana”, Editora Projecto, 1985.
- KOSTOF, Spiro, “The city assembled. The elements of urban form through history”, Thames and Hudson, 1999.

- KRIER, Léon, “Arquitectura, escolha ou fatalidade”, Estar Editora, Lisboa 2000.
- LAMAS, José Garcia, “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 3ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto 2004.
- LIMA, D. Luiz Caetano de, “Geografia Histórica de todos os Estados Soberanos da Europa”, tomos primeiro e segundo, Lisboa Ocidental, Oficina de Joseph António da Silva, Lisboa 1726.
- LYNCH, Kevin, “A imagem da Cidade”, Edições 70, Lisboa 2008.
- LYNCH, Kevin, “A boa forma da cidade”, Edições 70, Lisboa 2007.
- MAGALHÃES, Natércia, “Algarve, Castelos, Cercas e Fortalezas”, Letras Várias, Porto 2008.
- MARQUES, Teresa (et.al), “Carta Arqueológica de Portugal – Portimão, Lagos, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel”, IPPAR, Lisboa 1992.
- MARQUES, Maria da Graça (coord.), “O Algarve da Antiguidade aos nossos Dias – Elementos para a sua História”, Edições Colibri, Lisboa 1999.
- MARQUES, Maria da Graça e VENTURA, Maria da Graça, “Cidades e Vilas de Portugal – Portimão”, Editorial Presença, Portimão 1993.
- MORRIS, Anthony, “Historia de la forma urbana. Desde sus origines hasta la revolución industrial”, Editorial Gustavo Gili, Barcelona 1998.
- MUMFORD, Lewis, “A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas”, Editorial Martins Fontes, 2001.
- NUNES, Joaquim António, “Portimão”, Colecção Estudos Algarvios III, Casa do Algarve, Lisboa 1956.
- PAULA, Rui Mendes, “Lagos, Evolução Urbana e Património”, Câmara Municipal de Lagos, 1992.
- PORTAS, Nuno, “Os tempos das formas, cidade feita e refeita”, Universidade do Minho, Braga 2005.
- PORTELA, Ana Margarida; QUEIROZ, Francisco; “Conservação Urbana e Territorial Integrada”, Livros Horizonte, 2009.

- QUINTAS, Maria da Conceição, “Porto de Setúbal, um actor de desenvolvimento”, Associação dos Portos de Setúbal e Sesimbra, Setúbal 2003.
- RELPH, Edward, “A paisagem urbana moderna”, Edições 70, Lisboa 2002.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, “A cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana”, Edições Afrontamento, Porto 1992.
- SETA, Cesare de; GOLF, Jaques le; “La ciudad y las murallas”, Catedra, Madrid 1989.
- TÁVORA, Fernando, “Da Organização do Espaço”, 6ª Edição, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto 2006.
- TEIXEIRA, Manuel e VALLA, Margarida, “O Urbanismo Português: Séc. XIII-XVIII”, Livros Horizonte, Lisboa 1999.
- TENGARRINHA, José (coord.), “Portimão e a Revolução Republicana”, Câmara Municipal de Portimão, Portimão 2010.
- UNWIN, Raymond, “La pratica del urbanismo – una introdución al arte de proyectar ciudades e barrios”, Editorial Gustavo Gili, Barcelona 1984.
- VÁRIOS, “Portimão, tentativa de sinopse”, Gabinete de Recursos Humanos da Câmara Municipal de Portimão, Portimão 1941.
- VÁRIOS, “As Muralhas de Portimão”, Câmara Municipal de Portimão, Portimão 1974.
- VÁRIOS, “Portimão, levantamento e caracterização”, Junta de Freguesia de Portimão, Portimão 1990.
- VÁRIOS, “Portugal, das origens à época Romana”, Instituto Português do Património Cultural, 1989.
- VÁRIOS, “Algarve na perspectiva de antropologia ecológica”, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa 1989.
- VÁRIOS, “Renovação Urbana do Algarve”, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1999.
- VÁRIOS, “Evolução do parque habitacional da Região do Algarve na década de 90”, Instituto Nacional de Estatística, 2003.

- VENTURA, Maria da Graça (coordenação), “O Municipalismo em Portugal: 500 Anos de Forais Manuelinos do Algarve”, Edições Colibri, Lisboa 2007.
- VIDIGAL, Luís, “Câmara, Nobreza e Povo: Poder e Sociedade em Vila Nova de Portimão (1755-1834) ”, Câmara Municipal de Portimão, Portimão 1993.
- VIEIRA, Pe. José Gonçalves, “Memória Monográfica de Portimão”, Junta de Freguesia de Portimão, Portimão 1996.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

1. IMAGENS REPRODUZIDAS	51 A 65
1.01 CONDIÇÃO ORIGINAL DO TERRITÓRIO (P.21)	51
1.02 LOCALIZAÇÃO NÚCLEO PRIMITIVO (P.21).....	52
1.03 IMPLANTAÇÃO DA VILA (P.21)	53
1.04 PRIMEIRO MOMENTO DE EXPANSÃO (P.22)	54
1.05 OCUPAÇÃO TERRITÓRIO 1924 (P.22)	55
1.06 OCUPAÇÃO TERRITÓRIO 1990 (P.22)	56
1.07 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (P.23).....	57
1.08 MAPA GEOLÓGICO DO ALGARVE (P.24).....	58
1.09 ALTERAÇÕES AO TERRITÓRIO (P.25).....	59
1.10 LOCALIZAÇÃO ATERROS (P.25)	60
1.11 VESTÍGIOS PRÉ-HISTÓRICOS (P.26).....	61
1.12 VESTÍGIOS ROMANOS (P.27).....	62
1.13 INTERPRETAÇÃO TRAÇADO ROMANO (P.27)	63
1.14 RELAÇÃO PORTIMÃO E OUTRAS CIDADES ROMANAS (P.28).....	64
1.15 LOCALIZAÇÃO BARROSA, S. LOURENÇO E PORTIMÕES (P.28)	65
2. CARTOGRAFIA DE ANÁLISE	66 A 80
2.01 ÁREA OCUPADA FUNDAÇÃO (P.29)	66
2.02 PRINCIPAIS ARTÉRIAS FUNDAÇÃO (P.29).....	67
2.03 ÁREA OCUPADA VILA (P.30)	68
2.04 PRINCIPAIS ARTÉRIAS VILA (P.30)	69
2.05 ÁREA OCUPADA SÉC. XVIII E XIX (P.31).....	70
2.06 PRINCIPAIS ARTÉRIAS SÉC. XVIII E XIX (P.31)	71
2.07 ÁREA OCUPADA 1924 (P.32)	72
2.08 PRINCIPAIS ARTÉRIAS 1924 (P.32).....	73
2.09 ÁREA OCUPADA FINAIS SÉC. XX (P.33 E 38)	74
2.10 PRINCIPAIS ARTÉRIAS FINAIS SÉC. XX (P.33 E 38).....	75
2.11 INFLUENCIAS FORMA URBANA (P.34 E 38)	76
2.12 IMPLANTAÇÃO MURALHA J. PALHINHA (P.35)	77
2.13 PROJECTO 2ª LINHA MURALHA A. MASSAI (P.35)	78
2.14 CARACTERIZAÇÃO MURALHA (P.36)	79
2.15 IMPLANTAÇÃO 2ª LINHA MURALHA (P.37)	80



PLANTA INTERPRETATIVA DA CONDIÇÃO NATURAL DO TERRITÓRIO

IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



PLANTA INTERPRETATIVA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL NO MOMENTO DE FUNDAÇÃO

IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



PLANTA INTERPRETATIVA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL NO MOMENTO DE ELEVAÇÃO A VILA
IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



PLANTA INTERPRETATIVA DO PRIMEIRO MOMENTO DE EXPANSÃO PARA O EXTERIOR DA MURALHA

IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



PLANTA INTERPRETATIVA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL EM 1924 – MOMENTO DE ELEVÇÃO A CIDADE

IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



IMAGEM INTERPRETATIVA DA EVOLUÇÃO URBANA ATÉ FINAIS DO SÉC. XX

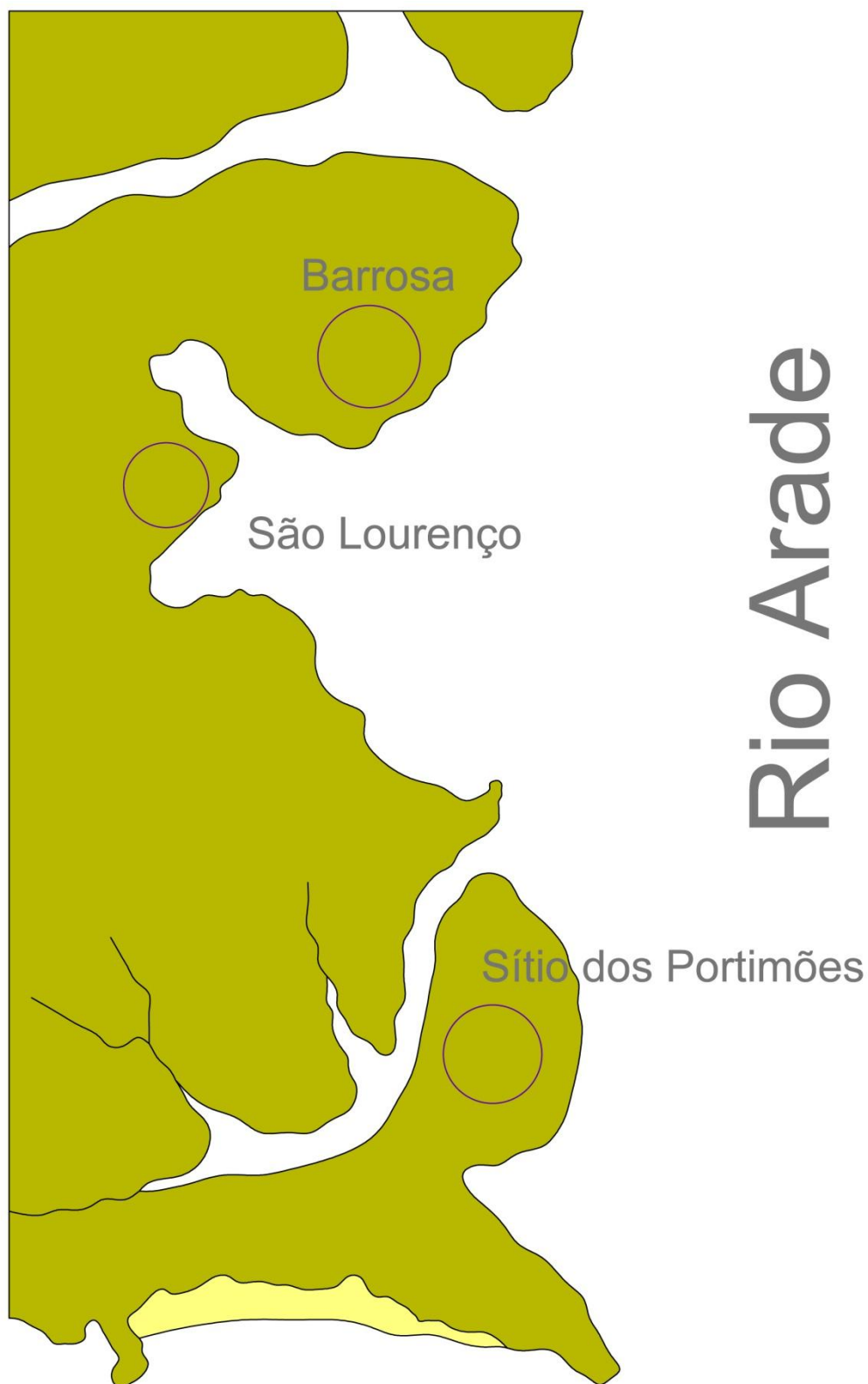
IMAGEM ADQUIRIDA NO MUSEU DE PORTIMÃO.



LOCALIZAÇÃO DE ÁREAS ONDE FORAM ENCONTRADOS VESTÍGIOS PRÉ-HISTÓRICOS

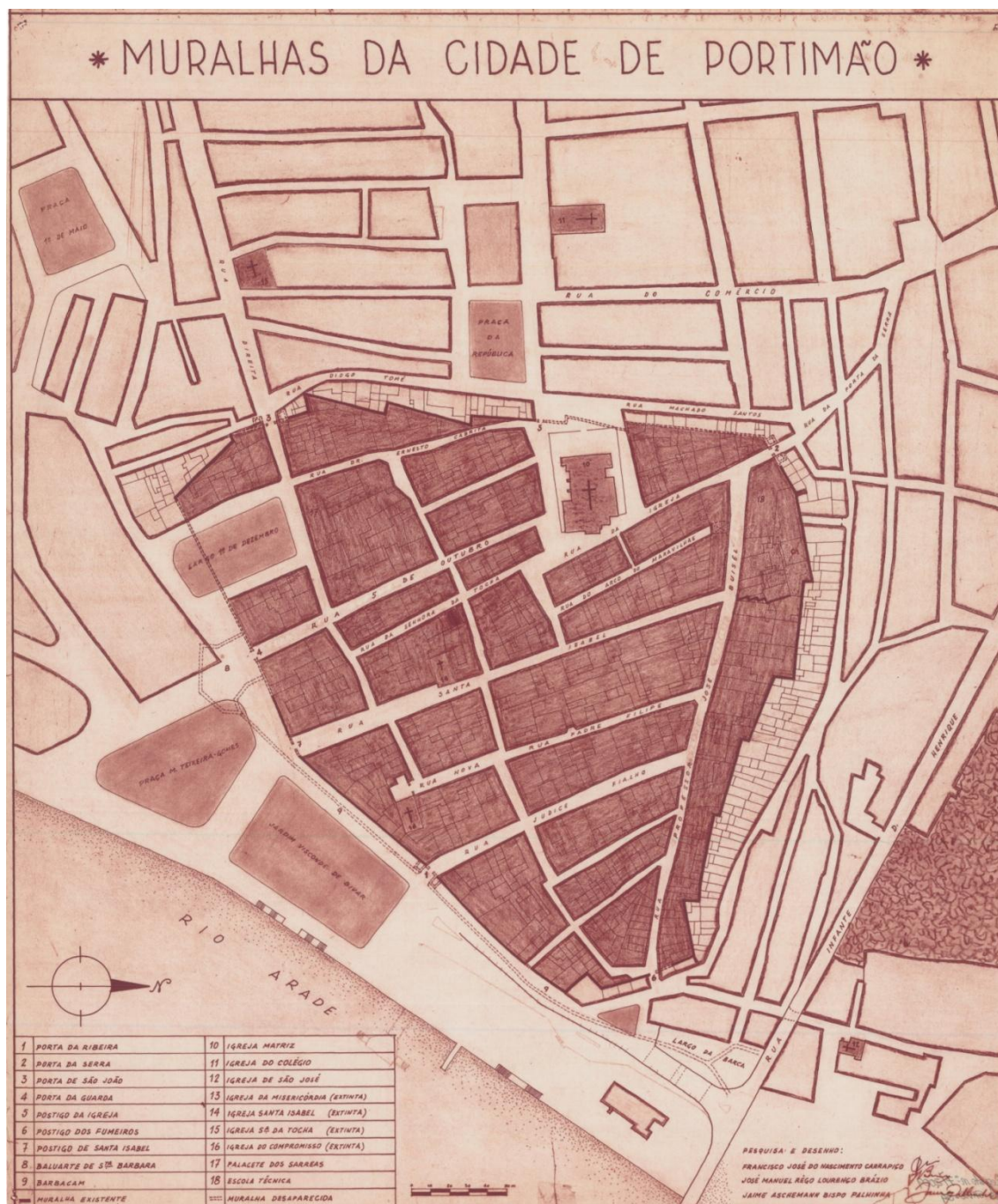


LOCALIZAÇÃO DE ÁREAS ONDE FORAM ENCONTRADOS VESTÍGIOS ROMANOS



LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IDENTIFICADAS COMO BARROSA, SÃO LOURENÇO E SÍTIO DOS PORTIMÕES

DESENHADA SOBRE PLANTA INTERPRETATIVA DO TERRITÓRIO NAS SUAS CONDIÇÕES ORIGINAIS



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA LINHA DE MURALHA, TORRES E BALUARTE

DESENHO DA AUTORIA DE JAIME PALHINHA, JOSÉ BRÁZIO E FRANCISCO CARRAPIÇO

IMAGENS ADQUIRIDAS NO MUSEU DE PORTIMÃO.



IMAGEM DO PROJECTO DE ALEXANDRE MASSAI PARA UMA SEGUNDA LINHA DE MURALHAS

IMAGEM RETIRADA DO LIVRO "ALGARVE: CASTELOS, CERCAS E FORTALEZAS",

DE NATÉRCIA MAGALHÃES

